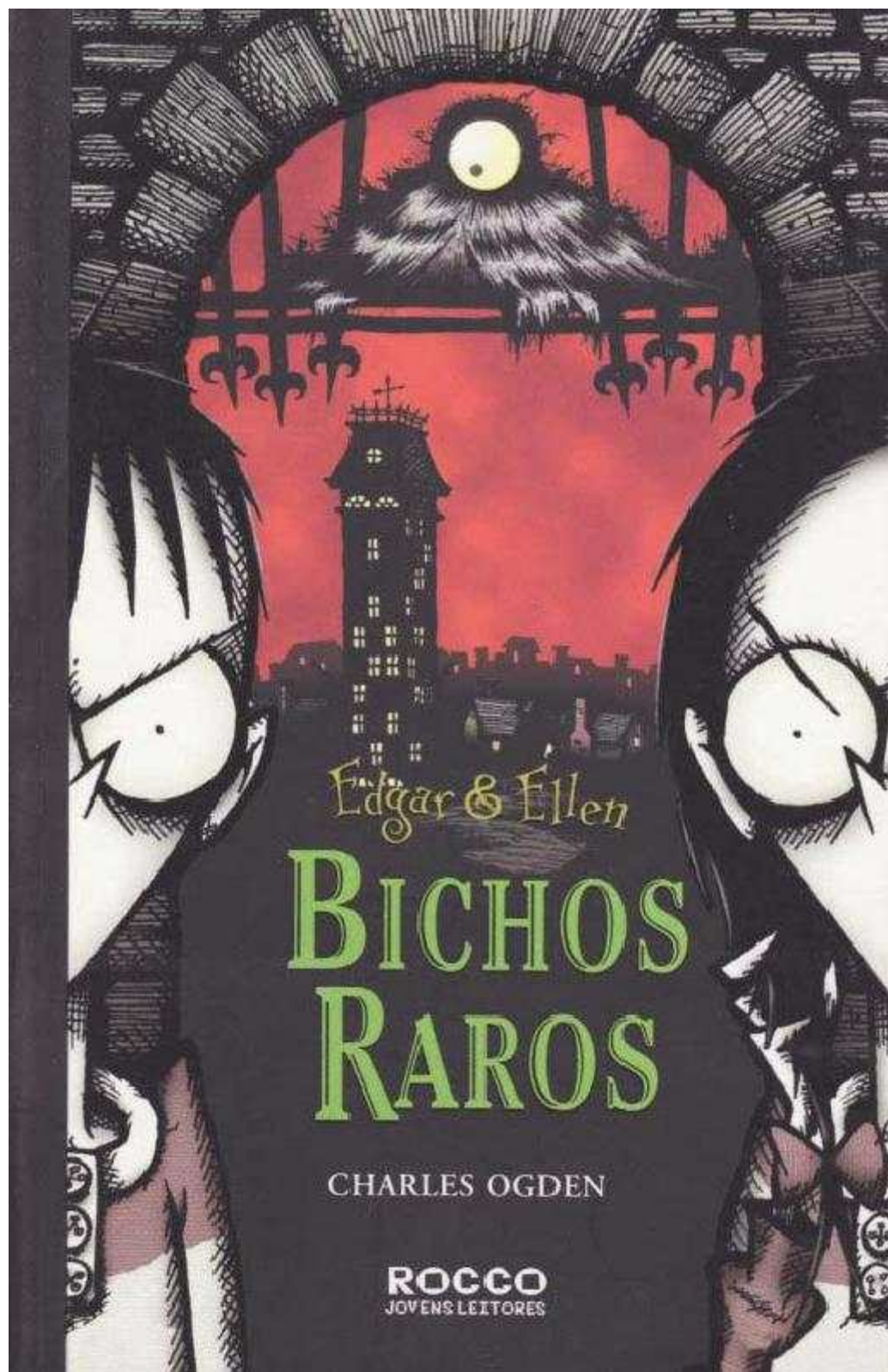


Edgar & Ellen
**BICHOS
RAROS**

CHARLES OGDEN

ROCCO
JOVENS LEITORES





Título original: EDGARD & ELLEN RARE BEASTS

Printed in Brasil/Impresso no Brasil

Cip-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
028e

Ogden, Charles

Edgard & Ellen: bichos raros/Charles Ogden; tradução de Lia Wyler. — Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

Tradução de: Edgard & Ellen: Rare Beasts
ISBN 85-325-1951-2

I. Literatura infanto-juvenil. I. Wyler, Lia Alverga.

II. Título. III. Título: Bichos raros.
05-3071 CDD-028.5 CDU — 087.5

DEDICO ESTE LIVRO:

a Rick, por ter semeado há tempos todas essas árvores (cortei-as para fazer lenha)

a Sara, por ter me enviado ceroulas para usar nos dias mais frios,

à Kat, por cantarolar,

a Trish por garantir o meu café da manhã.

Me desculpem pelas vespas.

— CHARLES



O começo...

O ar quente da noite parecia pesar e encobrir a cidade como uma toalha de pratos molhada e suja. Era bem tarde, já passava muito da meia-noite e os únicos ruídos eram o cricri contínuo dos grilos e o pio ocasional das corujas.

No rio, dois vultos escuros dançavam no telhado de uma ponte coberta. Agitando os braços e as pernas para manter o equilíbrio no telhado muito inclinado, formavam silhuetas a rodopiar contra o céu da noite.

— *Cuidado, mana, você está derramando tudo em mim!*

— Ora, se você tivesse se lembrado de trazer uma lanterna eu poderia ver o que estou fazendo, mano.

— Ah, você pode ver tão bem quanto eu. Está fazendo isso de propósito.

— Epa! — exclamou Ellen passando o pincel pela cara do Edgar.

— Você vai se arrepender de ter feito isso — resmungou ele, a tinta vermelha escorrendo do seu queixo.

— Silêncio, estou quase terminando.

Ellen acabou de pintar a última letra e se afastou para conferir se escrevera tudo corretamente.

— Você esqueceu o ponto de exclamação! — disse Edgar ao despejar o que restou da tinta na cabeça da irmã.

Edgar e Ellen se engalfinharam e rolaram telhado abaixo indo cair com estrondo no rio. Em pé, com a água batendo-lhes pela cintura, encharcados até os ossos, a tinta vermelha escorrendo de seus corpos como se estivessem sangrando de graves ferimentos, os gêmeos admiraram o seu trabalho.

— Gostei, mano.

— Sem dúvida está melhor do que antes, mana.

Eles deram gargalhadas de abafar os sons dos grilos e das corujas, e em seguida voltaram sorrateiramente para casa.



1. Bem-vindo a Nod's Limbs, amigo

Em geral, Nod's Limbs era um lugar aprazível para se morar. Não era uma cidade grande, mas tampouco era pequena. Era simplesmente uma comunidade decente de marcos históricos e encantadores shopping centers. O rio Corrente passava pelo meio da cidade, embora fosse mais apropriado chamá-lo de rio Andante ou Filete Rastejante porque nem era muito largo nem corria muito depressa. Sete pontes cobertas permitiam às pessoas e aos carros atravessarem o rio, e os cidadãos tinham grande orgulho dessas obras. Se hoje em dia é raro uma cidade ter *uma* ponte coberta, em Nod's Limbs havia *sete*. Pareciam grandes celeiros vermelhos abarcando o rio, idênticos, exceto pelos dizeres em seus telhados.

Cada um exibia duas palavras pintadas em letras brancas garrafais, uma de cada lado. Se alguém estivesse andando pelo bulevar Florence, cada ponte acrescentava uma palavra a uma mensagem, e a mensagem era diferente dependendo da direção em que a pessoa estivesse indo. De leste para oeste lia-se nos telhados: "AMIGO, BEM-VINDO A NOD'S LIMBS. DEMORE-SE UNS DIAS." De oeste para leste lia-se: "VOLTE LOGO AMIGO E CUIDE-SE." Mas, como era possível entrar em

Nod's Limbs do oeste ou do leste com a mesma facilidade, bem como sair em uma ou outra direção, umas vezes as mensagens faziam sentido, outras não. E embora a pessoa pudesse receber votos de boas-vindas quando partia e de breve retorno quando entrava, os residentes de Nod's Limbs não se importavam porque achavam esta idéia curiosa.

Mas, por mais respeitável que seja, uma cidade quando cresce um pouco acaba se dividindo naquilo que seus habitantes chamam de "lado bom" e "lado ruim".

O "bom" é onde vivem os cidadãos honestos e trabalhadores. Ali as ruas são limpas, os gramados bem cuidados, as pessoas andam com um sorriso no rosto e têm uma palavra gentil para dizer aos seus vizinhos. No "lado ruim", no entanto, as pessoas não se olham nos olhos quando se cruzam na rua. E onde vivem as pessoas infames, como as que danificam propriedades públicas — gente que mudaria os simpáticos cumprimentos de sua cidade para insultos como: "BEM-VINDOS DEMÔNIOS À INFECTA NOD'S LIMBS. NÃO DÊ COMIDA AOS ANIMAIS" e "JAMAIS NA VIDA PENSE EM VOLTAR AQUI". As ruas deste lado estão juncadas de lixo e barro, e as casas são escuras, malcuidadas e muito desconfortáveis.

Nod's Limbs era bastante grande para ter um "lado bom" e um "lado ruim", e a pessoa poderia pensar que os dois "lados" teriam mais ou menos o mesmo tamanho. Mas não era assim em Nod's Limbs.

"Uma jornada honesta de trabalho por uma diária honesta" era a crença da maioria dos habitantes da cidade e, por tal dedicação, poderíamos praticamente considerar que toda Nod's Limbs ficava do "lado bom".

Toda, isto é, à exceção de um pequeno quarteirão na parte mais afastada da cidade.

2. O lado ruim

Se alguém atravessasse
Nod's Limbs em direção ao
sul, deixando para trás os
parques e árvores, as fileiras
e mais fileiras de casas
bem-cuidadas, depois o zôo,

a escola de ensino médio e o hospital, e por fim deixasse para trás as colinas solenes e verdejantes do cemitério de Nod's Limbs, chegaria à rua Ricketts.

A rua Ricketts margeava a Floresta de Árvores Negras, área de preservação ambiental, que se estendia do extremo leste da cidade para o oeste. Era uma rua bonita de mão dupla, e o departamento de obras de Nod's Limbs fazia um excelente trabalho, conservando o leito da rua limpo e a vegetação lateral aparada.



Entretanto, quando se ultrapassava o trecho em que os fundos do cemitério encontravam a rua Ricketts, havia uma saída para uma ruazinha estreita de que o departamento de obras jamais cuidava. A ruazinha não tinha nome ou pelo menos não havia placa que o indicasse e estava bem necessitada de uma nova camada de asfalto. Seu leito rachado e cheio de mato dificultava a caminhada e tornava arriscado dirigir um carro por ali, por isso as pessoas raramente a usavam.

A ruazinha terminava diante de uma casa muito estreita e tão alta que quem tentasse ver a que altura chegava poderia cair de costas. Duas janelas em arco no alto davam a impressão que a imponente estrutura estava vigiando as pessoas, e mais acima havia uma cúpula escura com espetos de ferro apontados para o alto e bem no centro uma janelinha redonda que lembrava um terceiro olho místico.

E a cor da casa! Ou, melhor, a falta de cor! Só havia uma palavra para descrevê-la: *cinzenta*. Tudo na casa era de algum matiz de cinza, desde a pedra mais junto ao chão às pontas dos espetos que se projetavam do telhado. A madeira envelhecida

das molduras das portas e janelas era de um cinza tão escuro e carregado que beirava o preto e as telhas de ardósia pareciam ter saído de dentro de um forno abandonado. Umas poucas janelas pendiam das dobradiças balançando para lá e para cá, tocadas pelo vento que fustigava continuamente a alta casa.

E se alguém se aproximasse até os degraus da entrada, leria um nome estranho entalhado em cima

da porta. Em letras bem desenhadas, como as que encontramos em lápides de cemitério, lia-se:



Uma palavra de som engraçado com um significado sem a menor graça, *Schadenfreude*, "prazer obtido com o sofrimento alheio", e era um lema apropriado para os moradores da casa.

E talvez servisse também de alerta para o passante curioso.

3. Os gêmeos

Avultando-se na paisagem em que lançava comprida sombra, a mansão raramente atraía alguém suficientemente perto para ler a palavra entalhada em cima da porta. A casa era tão ornamentada e vistosa que poderia ter sido linda se *outra* pessoa morasse ali. Mas se outra pessoa estivesse morando ali, com uma demão de tinta e uma cerca de petúnias no gramado, a casa poderia ter sido clara, hospitaleira e a mais popular da cidade.

Mas, que pena, não morava outra pessoa ali. Moravam, sim, *duas* pessoas: Edgar e sua irmã Ellen. E não eram simplesmente irmão e irmã — eram gêmeos, e se um deles era encenqueiro, dois então com certeza deveriam ser o dobro. E um era de fato muito encenqueiro.

"As plantas do jardim estão crescidas, mana."

"Está na hora de arrancar as pétalas das rosas, mano!"

Os gêmeos eram altos e magricelas e tinham os cabelos negros empastados na cabeça. As tranças muito lisas de Ellen balançavam dos lados do seu queixo pontudo, enquanto os cabelos de Edgar eram curtos e todos do mesmo comprimento, exceto por uns fios no cocuruto que eram espetados para o alto. Os irmãos tinham o rosto pálido e anguloso e grandes olhos saltados.

Usavam pijamas iguais inteiriços com uma aba no traseiro que era muito prática na hora de ir ao banheiro. Velhos e puídos eles eram muito confortáveis, e os gêmeos não os despiam nunca. O tecido que já fora listrado de vermelho e branco agora era ferrugem e cinza manchado e encardido.

A mestria dos gêmeos na arte das diabruras era impressionante e deliberada, tendo começado há doze anos quando ainda estavam no ventre materno. Embora fossem gêmeos, Ellen era tecnicamente mais velha, dois minutos e treze segundos.

Ah, a briga que os dois tiveram para ver quem chegava ao mundo primeiro!

A mãe sofrerá horas e mais horas de dores na sala de parto do hospital enquanto os dois se esmurravam e chutavam dentro dela. Ellen deve ter conseguido se esquivar de Edgar porque acabou saindo primeiro, os punhos minúsculos erguidos para comemorar a vitória. Edgar saiu logo depois e, quando a enfermeira segurou os gêmeos juntos para o pai e a mãe verem, esticou o dedinho e espetou o olho de Ellen.

4. Esconde-esconde

Certo dia quase no fim do verão, Ellen examinou o jardim por uma janela enegrecida e viu que as plantas estavam estiolando lindamente no calor abafado do fim da manhã. Fazia semanas que ela não regava as plantas nem fertilizava as orquídeas, e a folhagem atingira um suave caimento como se tentasse alcançar o chão e se arrastar em direção ao alimento e à sombra. Não seria necessário Ellen sair para podar as

cicutas conforme planejara. Assim sendo, enquanto a maioria dos cidadãos jovens de Nod's Limbs estava se refrescando na piscina ou se divertindo na margem do rio, Edgar e Ellen continuavam em sua casa sombria, brincando de esconde-esconde.

A casa dos gêmeos tinha muitos andares inclusive um subporão, um porão, um sótão e um sótão-sobre-o-sótão. Embora a casa fosse tão estreita que cada andar continha apenas dois ou três cômodos, ainda assim eles eram numerosos. Cada cômodo estava repleto de armários embutidos ou não, sofás e cortinas e de um número suficiente de vãos sujos para alguém brincar um verão inteiro de esconde-esconde.

Os pais de Edgar e Ellen tinham partido há muito tempo para umas longas férias "ao redor do mundo", pelo menos era o que dizia o bilhete que tinham deixado. Não havendo ninguém para fazer a limpeza, a enorme casa acumulara uma rica coleção de teias de aranha e cotões de poeira, oferecendo o cenário perfeito para a brincadeira, a que eles acrescentavam um toque diferente e pessoal.

Em um esconde-esconde típico a brincadeira termina quando um jogador descobre onde o outro se escondeu. Muito bem, a versão de Edgar e Ellen não terminava simplesmente quando quem estava escondido era descoberto. Terminava quando ele era *vencido*, o que significava que quem procurava, primeiro, tinha de encontrar o esconderijo do outro e depois lutar para dominá-lo. Vencer o outro poderia render uma boa luta porque os gêmeos conheciam as manhas um do outro, e a brincadeira em geral terminava com um deles de mãos e pés atados com as cordas que eles normalmente carregavam.

É claro que, uma vez que um dos gêmeos estivesse amarrado, ele perderia e ficaria à mercê do outro, e o vencedor sempre fazia questão de mostrar quase nenhuma piedade antes de sair correndo para procurar um novo esconderijo, deixando o perdedor se desvencilhar sozinho.

Ellen dava preferência a usar os dentes e as unhas afiadas à lima para cortar as amarras, e Edgar praticava os métodos estudados por famosos artistas do ilusionismo. Ainda assim, cada gêmeo normalmente levava mais de uma hora para se livrar das cordas. E uma hora é tempo suficiente para achar um ótimo esconderijo.

5. Fome de novidade

Ellen estava na biblioteca, apertada em um compartimento raso atrás de um feio quadro a óleo — uma natureza-morta podre de repolho com ovos mofados. Sentia câibras e impaciência no espaço pequeno demais.

"Por que Edgar está demorando tanto?", pensou, perguntando-se por que não

escolhera um esconderijo maior. "Que se dane esse molengão, sempre verificando cada lugar possível em todos os andares, mesmo os que já usamos!"

De repente, ela ouviu o som soturno do órgão da casa que ficava no térreo ecoar no sétimo andar. Edgar estava tocando uma marcha militar.

— Irque! Outra vez! — gemeu Ellen, tapando os ouvidos.

Mas a careta de Ellen transformou-se em um sorriso ao passar os dedos pelo contorno do estranho objeto que trouxera consigo, uma surpresa que achava de que o irmão iria gostar.

Por fim, a cacofonia cessou e uma breve lufada de ar gelado arrepiou os cabelos de sua nuca. Um sinal de que Edgar entrara na biblioteca. Ele a rastreara até ali após quase duas horas de busca, embora pudesse ter chegado mais cedo se não tivesse tropeçado em todas as armadilhas que a irmã preparara. Edgar conseguira evitar o óleo derramado no patamar do segundo andar, mas os fios que ela esticara no quarto e no quinto para o irmão cair tinham consumido tempo para desamarrar, e o bal de que despencou do alto na cozinha quase o acertou em cheio na cabeça.

Ellen observava por um desvão entre a moldura e a parede o seu gêmeo examinar atrás das cortinas e embaixo das cadeiras. Quando Edgar voltou-se para examinar a escrivaninha de mogno maciço, ela girou o quadro para a frente com cuidado, desceu para o tapete empoeirado e esgueirou-se por trás do irmão.

— Edgar molengão, MOLENGÃO! — gritou pulando em cima dele.

Edgar não estava preparado para o ataque da irmã, e antes que pudesse defender-se ela o derrubou de costas no tampo da escrivaninha. Rapidamente amarrou-o ali e, enquanto o menino se contorcia, subiu no móvel. Já montada em cima dele, Edgar pôde ver claramente o objeto que a irmã empunhava.

Era uma lâmina de metal em forma de meia-lua pendurada na ponta de um longo cordão dourado. Edgar reconheceu a ferramenta; ele a inventara para cortar flâmulas políticas nas últimas eleições em Nod's Limbs.

Ellen segurou o cordão por cima do corpo do irmão e começou a balançá-lo devagarinho.

A afiada lâmina de metal começou a balançar também. Ellen sorria enquanto o cordão deslizava entre seus dedos, deixando pouco a pouco a meia-lua baixar alguns centímetros. Edgar observou a lâmina se aproximar cada vez mais, acelerando o balanço e ampliando o arco que descrevia a cada

passagem. Lembrava o pêndulo de um maligno relógio-armário.

— Tiquetaque — disse Ellen com um bocejo. — Tiquetaque.

— Ah, tiquetaque, uma ova

— resmungou Edgar, começando a desatar os nós.

Ellen baixou pacientemente a meia-lua, que assobiou pelo ar acima do irmão. Edgar continuou a apalpar as cordas sem a menor afobação.



— Tiquetaque, mano... —
disse Ellen distraído-se. Seu pulso
estava começando a doer de agitar a
meia-lua.

— Taquetoque — respondeu
ele.

Pouco depois Edgar tinha afrouxado as cordas o suficiente para mexer os dedos, mas começava também a perder a concentração. Quantas vezes antes se desvencilhara dessas cordas?

A meia-lua chegou tão perto de seu peito que o menino pôde sentir uma brisa no rosto, tão perto que as cordas que o prendiam puíram e se romperam em contato com o metal. Nesse momento os gêmeos se encararam.

Ellen baixou os olhos para Edgar e ele sustentou seu olhar, e depois de um longo verão se escondendo, procurando, dominando, lutando e preparando armadilhas, os dois exclamaram:

— Que tédio!

6. Possibilidades

— Poderíamos entupir as galerias dos esgotos com almofadões — sugeriu Edgar,

quando finalmente se livrou das cordas. — Quando chovesse as ruas se inundariam e poderíamos passear pela cidade de canoa. Seria divertido!

— Complicado demais! — respondeu Ellen. — Como faríamos os almofadões? Não temos dinheiro para comprar montanhas de penas e de tecido, e nenhum de nós sabe costurar, seu idiota.

Ellen puxou as trancas enquanto pensava.

— Hummm, que tal uma coisa simples? Vamos apanhar sacas de pimenta branca e despejá-las na massa de bolinhos do Buffys.

Edgar revirou os olhos.

— Por mais que eu gostasse de ver as pessoas boazinhas desta cidade ter acessos contínuos de espirro, onde arranjaríamos a pimenta, sua burrinha?

O menino cocou o queixo pontudo e muito pálido.

— Hummm... poderíamos arrancar as roupas do varal da velha sra. Haggardly e levá-las para a Leve-e-Lave. Passaríamos as roupas por vários ciclos de secagem e elas encolheriam pela metade! Tornaríamos a pendurá-las no varal, e quando ela as procurasse não saberia o *que fazer*!

— Ah, *Edgar* — reprovou Ellen —, *você* por acaso tem as moedas de vinte e cinco centavos que precisaria para fazer o secador funcionar várias ve zes? Não, não tem, nem eu. Além disso, já pregamos essa peça na sra. Haggardly antes e ela nem reparou. Qual é a graça disso?

Os gêmeos estavam parados no meio da biblioteca, os ombros curvados num esforço para produzir outra idéia.

— Precisamos de dinheiro, mana — disse Edgar. — Que poderemos fazer para nos divertir sem dinheiro?

Depois de um momento de concentração, um sorriso se espalhou pelo rosto da menina e ela respondeu com apenas três palavras.

— Bicho de estimação!

7. Bicho de estimação

Sempre que as duas crianças se cansavam de implicar e se aborrecer entre si e não lhes ocorria nem vítima nem plano malvado novos, havia alguma coisa em casa para mexer e cutucar. Essa coisa era o bicho de estimação deles.

Bicho, como o chamavam, em geral ficava o mais longe possível de Edgar e Ellen, preferindo passar dias longos e solitários escondido em um canto escuro do que dias agitados à mercê de donos impiedosos. Contudo, agora era quase meio-dia de uma terça-feira, o que significava que estava chegando a hora do programa favorito de Bicho sobre a natureza, *Volta ao Mundo com o Professor Paulo*.

Conhecendo a preferência de Bicho pelo professor, os gêmeos foram encontrá-lo na sala de televisão, empoleirado nas costas de uma *bergère* de couro preto, iluminada pela luz oscilante de uma grande televisão preto-e-branco.

Bicho não se parecia com nenhum outro tipo de animal que alguém já tenha visto. Era muito grande. Não tinha escamas nem penas. Era uma bola de pêlos embaraçados, negros e longos, cuja aparência lembrava a de uma peruca velha e suja. Bicho não tinha orelhas, nariz nem boca aparentes, nem tinha braços ou pernas visíveis, e se sentava tão imóvel na cadeira que seria fácil confundi-lo com uma enorme bola de algodão. Bem, exceto pelo único olho amarelo e leitoso que havia no alto dos seus pêlos emaranhados.

Bicho morava na casa com Edgar e Ellen desde que se lembrava. Os gêmeos tinham-no visto pela primeira vez atrás de um tonel de vinho no porão. Ele não parecia comer muito nem fazer muito barulho — de fato os gêmeos nunca o viram fazer nada em demasia —, e decidiram ficar com ele.

Que sorte a do Bicho.

8. O programa de hoje

Aconteceu que, assim que Edgar acabara de amarrar o corpo peludo de Bicho a um comprido pau e Ellen ia recolher as teias de aranha do teto da sala de televisão com sua nova *bichoura*, o professor Paulo anunciou algo no programa que atraiu a atenção dos irmãos:

"Hoje, vamos explorar o mundo surpreendente dos animais exóticos. A mais rara das raridades, a mais singular das singularidades, os melhores do reino animal, esses magníficos espécimes valem seu peso em ouro. São os animais mais valiosos da Terra!"

Venham com o professor Paulo conhecer colecionadores ricos de todo o mundo

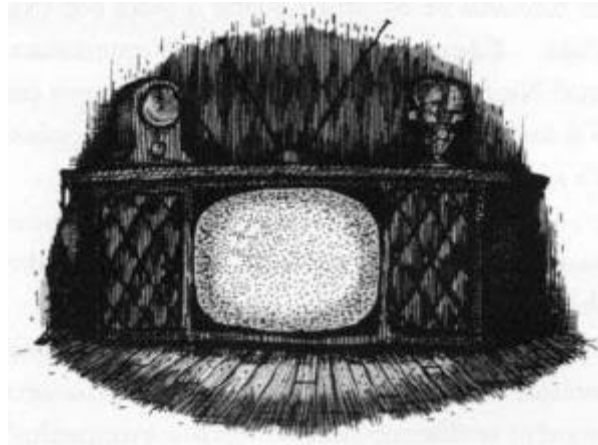
que cobijam esses bichos surpreendentes e estão dispostos a pagar milhões para ter um. Para os homens mais ricos, o dinheiro não é problema, e animais de estimação exóticos são muito mais elegantes do que os cães e gatos..."

Edgar e Ellen pararam para ouvir. Começavam a arquitetar um plano.

— Se tivéssemos os nossos próprios animais exóticos para vender — disse Edgar —, ganharíamos dinheiro suficiente para construir os almofadões e comprar a pimenta branca. Teríamos o suficiente para realizar todos os nossos planos!

— Pense em grande escala, Edgar! Se fôssemos ricos, muito ricos, *imagine* só o que poderíamos

fazer — disse Ellen. — Não precisaríamos parar nas *pequenas idéias* que já tivemos.



"Se comprássemos uma asa-delta e um gigantesco tanque de refrigerante, poderíamos levantar vôo do alto da nossa casa e borrifar os campos de futebol. Transformaríamos todos em lamaçais espumantes!", disse ela torcendo as trancas.

— Poderíamos construir um moinho gigante, comprar toneladas de estrume e soprar o fedor por toda a cidade. — Edgar estava explodindo de entusiasmo. — Irque! Ninguém sairia de casa dias seguidos por causa do fedor. E teríamos as lojas de brinquedo, *bombonières* e sorveterias só para nós!

— Poderíamos comprar um parque de diversões e montar as barracas bem no meio da cidade — lembrou Ellen.

— E poderíamos manter as luzes coloridas acesas e a música tocando, dia e noite, e nunca mais deixar ninguém se divertir com os jogos e brinquedos! — acrescentou Edgar.

Os gêmeos sorriam um para o outro enquanto ruminavam todas essas idéias para novas travessuras e prejuízos.

9. Ahá!

Edgar e Ellen subiram a escada íngreme para o nono andar. O andar inteiro era um grande vão aberto, e os gêmeos o usavam como salão de festas quando se sentiam dispostos a festejar. Na parede da fachada principal duas grandes janelas em arco (que vistas de fora pareciam olhos vigilantes) deixavam entrar boa claridade durante o dia e tornavam o aposento o menos sombrio da casa.

Edgar e Ellen atravessaram o salão dançando e saracoteando, às gargalhadas:

*Um plano, um esquema é o que precisamos
Para financiar novos jogos e fantasias.
Nossas mentes sagazes sem dúvida irão
Conjurar malfeitos geniais.
Não tem trama que não imaginemos,
Há excesso de idéias em nosso cérebro,
E noite e dia os garotos da vizinhança vivem a temer
a nossa genialidade.
Atenção!
Aqui vamos nós maquinar novas peças e diversões!*

Edgar e Ellen pararam no centro do salão de festas. Saindo do teto havia um anel enferrujado ancorado em um alçapão. Ellen subiu nos ombros do irmão e puxou o anel. O alçapão se abriu com um forte creque e desceu uma escada de madeira gasta. Os dois subiram depressa para o sótão.

Os gêmeos concebiam os seus planos mais impressionantes no sótão e era fácil ver o porquê. Caixotes, ferramentas, gaiolas de pássaros enferrujadas, malões mofados para viagens marítimas, lustres quebrados, manequins sem cabeça, armaduras medievais amassadas, umas duas camas de ferro enferrujadas — o sótão estava apinhado de tesouros. Examinar aqueles destroços em geral ajudava Edgar e Ellen a imaginar malvadezas.

Eles se atiraram às pilhas de velharias e foram jogando objetos para os lados à procura de inspiração.

— Ahá! — disse Ellen, erguendo uma comadre cheia de mossas.

— Ah, vamos mana, para que usaríamos isso *aí*? — caçoou Edgar. Ele saiu de

baixo de um encerado apertando contra o corpo uma coleção de béqueres e tubos de ensaio sujos. — Veja só o que encontrei! Quem sabe a gente pode fazer umas experiências.

Antes que Ellen pudesse lembrar que não tinha com que experimentar, seu olhar bateu na única janela redonda do sótão.

— Mano! Você está vendo o que estou vendo? — gritou ela, largando a comadre.

Edgar se aproximou para espiar pela janela.

— Mana, você está pensando o que estou pensando? — perguntou Edgar. — Vem, vamos olhar mais de perto!

Eles subiram a última escada, guardada a um canto. Indo à frente, Ellen empurrou o teto com o

ombro até abrir um segundo alçapão e os gêmeos entraram no aposento mais alto da casa.



Uma vez que o sótão-sobre-o-sótão oferecia uma notável vista de toda a vizinhança, Edgar e Ellen usavam-no como observatório, e o aposento era vazio exceto por um potente telescópio assestado em uma fenda no telhado. Os gêmeos apontaram a lente para as casas e gramados bem-cuidados abaixo, e viram uma variedade de cães deitados diante dos canis, dormitando ou roendo ossos. Viram gatos andando em cima das cercas e subindo em árvores. Viram coelhos em gaiolas bebendo água de garrafas e pássaros empoleirados tomando sol.

— Olhe só todos esses bichos — cochichou Ellen.

— Bem diante da nossa porta — respondeu Edgar. Absortos em pensamentos, os dois voltaram ao sótão e começaram a andar para cá e para lá, deixando pegadas no soalho empoeirado.

Por fim pararam junto ao canto mais sombrio do aposento. Dali contemplaram a grande caixa mofada de papelão que continha centenas de enfeites de Natal colecionados durante anos, em geral furtados da porta de algum vizinho incauto ou

da decoração de festas armada no centro da cidade.

— Guirlandas e brilhos, mano — comentou Ellen.

— Luzes brilhantes e tintas de cores vivas, mana — acrescentou Edgar.

— Muito exótico! — admiraram-se, erguendo as sobrancelhas.

E num piscar de olhos formaram um plano.

10. Heimertz

Edgar e Ellen estalaram a língua, gargalharam e deram gritos. Seu novo plano era simples, porém engenhoso.

— Mano, descobri uma coisa maravilhosa — comentou Ellen forçando a tampa de um caixote próximo à caixa de enfeites. Edgar ajudou-a a soltar as tábuas de madeira e murmurou: "Ah", ao erguer as tiras de couro com fivelas e as cestinhas de arame. Os gêmeos transferiram as guias e focinheiras para a caixa de enfeites e arrastaram-na até o porão, junto com uma variedade de corantes, colas, marcadores e tintas.

Ellen enrolou pedaços de corda no ombro esquerdo e, no direito, pendurou um grande saco de aniagem contendo uma quantidade de sacos vazios de menor tamanho. Edgar passou a mão em sua mochila especial de lona escura, em que sempre levava uma variedade de objetos. Colheres, saleiros, gorros, barbante — os artigos na mochila sem fundo de Edgar poderiam parecer comuns à maioria das pessoas, mas em suas mãos eram algo, bem,... *não eram*. Ele acrescentou ao conteúdo as focinheiras. Equipados com os materiais necessários, os irmãos saíram de casa e, se esquivando pelo jardim sem vida, examinavam ansiosamente o mato retorcido, procurando algum sinal de Heimertz.

Heimertz era o zelador, cuidava da manutenção da casa e da propriedade, e trabalhava ali desde que os gêmeos tinham memória. Ele sempre andava devagar, mal flexionando os joelhos, mas tinha a sinistra habilidade de aparecer sem aviso, surgindo silenciosamente das sombras da casa. Isso perturbava os gêmeos. Num momento podiam estar brincando sozinhos, e no momento seguinte podiam descobrir Heimertz com aquele seu sorriso parado observando-os do alto. *Raríssimas* coisas perturbavam Edgar e Ellen, e Heimertz era uma delas.

Se o zelador cuidava de alguma coisa era discutível, pois a casa estava sempre

escura, empoeirada e cheirando a mofo, e o jardim vivia juncado de ervas, raízes e plantas mortas. Mas ao mesmo tempo que ele os deixava constrangidos, Edgar e Ellen aprovavam seu trabalho — ou a ausência dele.

Heimertz morava em um barraco triste e feio a um canto alagadiço do jardim. Lama lodosa e caniços subiam ao longo de suas paredes, fazendo o barraco parecer que estava afundando lentamente na terra.

Tinha apenas uma janela, estava quebrada e lhe faltava uma vidraça. Certa vez, curiosos, os gêmeos espiaram pela janela e viram somente um quarto desguarnecido, mobiliado com um catre, algumas velas, um acordeão velho e uma coleção de ferramentas, nada mais havendo de pessoal que pudesse suge



rir a história do zelador.

Ele raramente era visto fora da propriedade dos gêmeos. Os moradores mais antigos de Nod's Limbs por vezes murmuravam que há muitos anos Heimertz, um bávaro, fora um artista de circo que fugira de sua família de palhaços e acrobatas. Edgar e Ellen nunca puderam confirmar ou desmentir essa história. Eles achavam o zelador assustador demais para lhe perguntarem, e mesmo que arranjassem coragem para isso, era duvidoso que o homem respondesse. Em todos aqueles anos, Heimertz

nunca dirigira uma única palavra aos meninos.

11. Rondando furtivamente

Para seu alívio naquela tarde quente, os gêmeos avistaram Heimertz do outro lado da propriedade. Estava ocupado retirando grandes pedaços de casca de algumas árvores apodrecidas, então em silêncio Edgar e Ellen se esgueiraram pelo quintal e saíram pelas vizinhanças.

Tinham de ser muito sorrateiros, porque eram bem conhecidos em toda a cidade. Em algum momento, a maioria das crianças de Nod's Limbs tinha sido vítima de suas tramas traiçoeiras, tivessem ou não consciência disso. Não fazia muito tempo os gêmeos tinham deixado Artie Anderson, um menino de nove anos, no alto da maior árvore do quarteirão, prometendo-lhe que iria conhecer uma fantástica casa de árvore. Pouco depois tinham persuadido a pequena

Sara Bergstaff a cavar à procura de ouro no quintal de sua casa, furando a fossa séptica da família.

Então, muito cautelosamente, Edgar e Ellen deslizaram pelas sombras. Visitaram cada casa das vizinhanças. E de cada uma roubaram os bichos de estimação que encontraram.

Alguns deles foram fáceis de apanhar, pois não havia ninguém vigiando-os. Os donos estavam ausentes, ocupados com outras coisas, como comprar revistinhas ou jogar futebol. Edgar surrupiou o cachorro de Ronnie Wringwood diante do canil, e Ellen meteu a mão por uma janela aberta para agar rar o periquito de Heather Redder preso em uma gaiola, deixando para trás apenas um punhado de penas soltas.

Outros bichos exigiram mais astúcia, e os gêmeos perceberam que precisavam distrair os donos. Edgar apanhou pipoca no fundo da sacola e fez uma trilha que descia pela entrada da garagem da casa dos Bogginer. Enquanto o jovem Donald Bogginer que gostava de petiscar era atraído para fora de casa pelo lanchinho surpresa no meio da tarde, Ellen fugia com o seu gato Chauncey. Duas casas adiante, a menina tocou a campainha da casa de Franny Finkle e se escondeu atrás do carro da família. Quando Franny veio correndo atender a porta ("Estou indo, sr. Crapple! É bom que tenha cartas para *mim!* *Cartas para MIM!*", repetiu ela aos gritos), Edgar deu a volta pelos fundos e apanhou o seu hamster.

Subindo uma rua e descendo outra, os gêmeos foram ampliando sua coleção. Amordaçavam os bichos surpreendidos para não deixá-los latir, miar nem fazer qualquer barulho e, então, metiam-nos nas sacas de aniagem. A coleção não tardou a crescer o suficiente para Edgar e Ellen terem dificuldade em transportá-la, então eles apoiaram tudo no chão para descansar.

— Estes bichos pesam, Edgar. E a agitação deles também não ajuda em nada.

— Meus braços estão começando a doer, também. Mas não se preocupe, Ellen, tenho um plano para transportar a nossa carga amanhã. Espere só!



— Ora, eu não... Vocês aí! Calem a boca! — sussurrou Ellen ao ouvir um gemido baixo e cons tante que vinha de uma das sacas. Alguns bichos começaram a rosnar e a ganir, então os gêmeos chutaram e cutucaram os sacos com os dedos dos pés, tentando mantê-los calados.

— Bichos barulhentos — resmungou Edgar. — Se não nos cuidarmos, vão acabar nos denunciando. É melhor levar estes aqui para casa onde ninguém mais poderá ouvi-los, depois voltamos para apanhar mais!

Os gêmeos arrastaram as sacas para o seu jardim, onde as empilharam na

vegetação exuberante. Retomando a tarefa, continuaram descendo o quarteirão. Ellen afanando bichos e Edgar levando-os para casa.

Os gêmeos chegaram a uma casa amarelo-clara na esquina, a bonita caixa de correio decorada com abelhas, borboletas e o nome da família: *Pickens*. *Havia* uma enorme gaiola no meio do quintal e enrascada no centro, profundamente adormecida, a maior cobra que já tinham visto. Edgar e Ellen precisaram parar um momento para admirar o tamanho do bicho, cujo corpo dava voltas, umas sobre as outras, formando uma pirâmide roncadora.

Ela não acordou quando a menina abriu a porta da gaiola e tomou posição às suas costas. Edgar abriu a maior saca que traziam e Ellen, gemendo, empurrou o enorme réptil pela porta da gaiola para dentro da saca. A cobra se mexeu e entreabriu um olho, mas Edgar ergueu sua cauda nos braços e ninou-a suavemente até ela deixar escapar um ronco sibilante e voltar a dormir.

— Só esta já completou o carregamento — comentou Ellen. — Leve-a para casa enquanto procuro mais bichos. — Edgar voltou para casa arrastando os pés, bufando sob o peso da cobra. Abriu o portão dos fundos com o pé e entrou cambaleando no quintal. Quando o portão tornou a se fechar, Edgar parou de repente, e sua respiração paralisou na garganta.

Os bichos dentro das sacas continuavam agitados, se debatendo, emitindo pequenos ruídos. E inclinado junto às muitas sacas para melhor examiná-las estava Heimertz. O troncudo zelador ficou de quatro e aspirou profundamente o ar ao redor das sacas.

Edgar não soube o que fazer. O homem estava a segundos de descobrir o tesouro adquirido desonestamente. Precisava apenas dar um simples puxão no barbante que prendia a boca da saca. Edgar tentou ficar muito quieto, mas a cobra estava fazendo os seus braços doerem.

Heimertz acorrou-se enquanto os animais, perdidos na escuridão das sacas de aniagem, tremiam e ganiam. Pareceu transcorrer uma eternidade até ele se levantar limpando as mãos no macacão cheio de manchas.

Edgar sentiu um arrepio quando o zelador se virou para olhar a enorme saca em seus braços. O homem inspirou profundamente como se quisesse farejar Edgar e sua saca do outro lado do jardim.

O menino engoliu em seco. Sem Ellen sentia-se particularmente vulnerável.

O sorriso costumeiro de Heimertz tremeu; suas narinas se dilataram. Ele ficou imóvel por alguns segundos tensos, sem dar indicação do que faria a seguir.

A cobra, que talvez estivesse ouvindo o coração do menino bater furiosamente, ou talvez pressentisse a presença insólita de Heimertz, ou possivelmente estivesse apenas tendo um pesadelo, mexeu-se contra o peito do menino. Edgar, já nervoso por causa do zelador, deixou escapar um *uai-ê!* assustado e largou a saca no chão.

Heimertz correu o olhar pelo resto da propriedade antes de girar o peso sobre o pé esquerdo e sair pesadamente em direção ao barracão.

Edgar fugiu do jardim.

A cobra mudou de posição na saca e retomou o seu sono profundo e seus roncossibilados.

Edgar alcançou a irmã nos limites do bairro, agachada à sombra de uma alta sebe.

— Foi o Heimertz, Ellen! Ele me apanhou com o nosso estoque! — ofegou Edgar. — E simplesmente foi embora, mas eu não soube o que fazer!

— Quietos, Edgar! Quietos! Estou tentando ser discreta!

A menina fez sinal com a cabeça indicando um quintal para lá da cerca e Edgar espiou pelo lado.

Leanne Casey e seu amigo Bruno estavam perseguindo um bassê miniatura pelo gramado, rindo enquanto o cachorro-salsicha corria descrevendo círculos cada vez maiores. Com um latido de alegria, o cachorro fez o contorno do quintal e quando correu para trás da sebe, Ellen baixou sua saca aberta e ele entrou direto.

Quando finalmente Leanne e Bruno deram a volta no gramado, não havia mais bicho algum à vista. Eles pararam espantados na rua tranqüila, procurando ouvir um latido que os orientasse, mas nada ouviram exceto o silêncio.

E assim continuou a noite, os gêmeos se esgueirando pela vizinhança, emergindo das sombras apenas o tempo suficiente para apanhar um bicho antes de tornarem a desaparecer. Logo eles tinham reunido uma alentada coleção de bichos de pêlos, escamas e penas, cada grupo em uma saca própria.

Antes que a maioria das crianças do bairro percebessem que seus bichos de estimação tinham desaparecido, Edgar e Ellen tinham levado seus valiosos troféus para casa.

12. No porão

Bicho se aconchegara em segurança em um canto escuro entre os cotões e as teias de aranha, fora do caminho de Edgar e Ellen, observando-os trazer os troféus pelo empoeirado hall de entrada e amontoar as sacas junto à porta do porão. Ellen segurou a porta aberta.

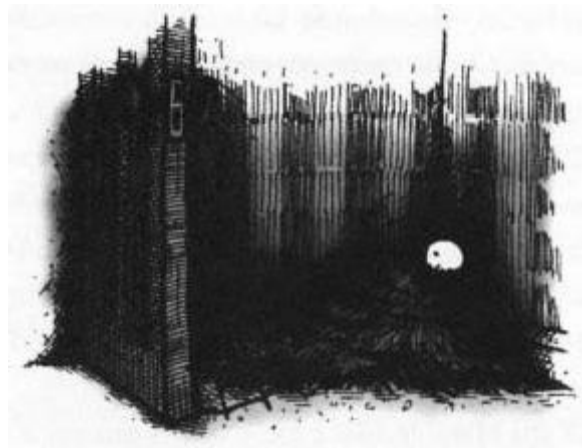
— Primeiro você, mano.

— Não, mana, primeiro *você!* — E empurrou a irmã para a escada escura.

Com um reflexo experiente, ela agarrou a gola de Edgar ao cair. Os dois rolaram embolados pelos degraus de pedra e aterrissaram com um baque surdo. Uma corrente de ar fria soprou pela grade de ferro no chão cimentado.

— Quanta gentileza, mana.

— Ah, olha *quem* fala.



Os irmãos levaram os sacos, um a um, do hall para o porão, entreolhando-se preocupados ao descerem a escada.

Quando terminaram, eles se debruçaram sobre as sacas que se contorciam aos seus pés no porão úmido. Ellen estendeu encardidos lençóis brancos roubados do quintal da sra. Haggardly sobre longas mesas de trabalho. Edgar tirou os enfeites da caixa gasta e, como um cirurgião dispondo seus instrumentos em uma sala de cirurgia, enfileirou delicadamente os enfeites em cuidadosa ordem.

— Quem estaria nesta? — Edgar escolheu uma saca e despejou o conteúdo. Um gatinho caiu em cima da mesa.

— Ah, no momento você é um gatinho comum — disse ele retirando-lhe a focinheira —, mas anime-se! Logo você estará famoso!

Edgar usou tintas para trocar a cor da pelagem do felino de castanho para matizes de azul e púrpura.

Levou algum tempo colando dois gravetinhos na cabeça do bicho e prendendo um enfeite vermelho em seu focinho. O que antes era um gato agora parecia a miniatura de uma rena coruscante.

— Olá, pequeno Hamble — exclamou Edgar erguendo-o para poder olhar no fundo de seus olhos desiguais. — Não há outro como você no mundo. Decididamente exótico! Decididamente vale muito dinheiro! — O Hamble miava e

unhava sua galhadinha de gravetos.

— O seu Hamble não é tão exótico quanto o meu Uggpron ou estes Snifflepops — disse Ellen. Edgar virou-se e viu que enquanto ele transformava um bicho, sua irmã havia pendurado uma guirlanda de relva no pescoço de um poodle e tingira o bicho de vermelho, transformando-o em um leãozinho escarlate, e também enfeitado dois coelhinhos que tinham sido brancos e agora estavam cheios de brilhos e penas.

— Vamos ganhar uma fortuna! — aplaudiram os gêmeos enquanto tiravam os animais restantes das sacas. Prenderam então os coitados a um cano de água enferrujado para que o aturdido zôo não fugisse da brincadeira.

Tinta, cola e brilhos voavam pelo porão. Os gêmeos decoraram os bichos alegremente como se fossem ovos de Páscoa, entoando uma cantiguinha enquanto trabalhavam.

Temos bichos raros, por isso apostem

Quanto cada um deles renderá.

Virá gente de jatinho executivo,

Ligará para seus tesoureiros, empregará veterinários. Por isso despeje mais brilho, espirre mais cola, Tinja os bichos de púrpura, laranja e azul. Logo estarão prontos para desfilar E a renda do evento a nós caberá!

Filhotes de cães e gatos. Coelhinhos e pássaros. Hamsters, gerbos, lagartos e uma galinha. Dezenas de bichos roubados de seus carinhosos donos, presos no porão sombrio, cada um passando por uma terrível e singular transformação. Ah, que horror!

13. Um pouco de música noturna

Já estava muito tarde quando Edgar e Ellen completaram sua exótica coleção. Os gêmeos teriam dançado e pulado para comemorar se não estivessem tão cansados de um longo dia de maquinações, roubos e disfarces.

Eles amarraram bem as guias e abriram folhas da *Gazeta de Nod's Limbs* no chão para o porão não ficar emporcalhado demais durante a noite. Apagaram então as luzes, deixando os animais sozinhos e, cansados, subiram os vários lances de escada até o quarto no sótão.

— Por favor, mano, nada de roncos e bufos hoje à noite — disse Ellen arrastando-se pelo quarto.

— Bons sonhos para você também, mana — caçoou Edgar encaminhando-se para o seu travesseiro e colchão manchados.

Quando iam se meter na cama de metal, ouviram um murmúrio entrecortado de gemidos que se erguia do mundo exterior. Os gêmeos subiram a escada para o observatório no sótão-sobre-o-sótão e espiaram a vizinhança pelo telescópio.

Havia um caos. Reunidos em grupinhos pesarosos sob os lampiões de rua, crianças choravam e gritavam e gemiam, lamentando a perda dos seus preciosos bichinhos. Os pais impedidos de aproveitar a noite em casa, habitualmente sossegada, com drinques e noticiários, saíram à procura dos animais desaparecidos gritando seus nomes e xingando, o que contribuía para a zoeira dos lamentos das crianças. O coro dissonante de infelicidade e desespero, a toada triste de dor e pesar, entrou pela noite.

Os ecos das lamentações acalentaram Edgar e Ellen que dormiram tranqüilamente.

Um dia muito movimentado os aguardava.

14. O Bazar de Animais Exóticos

Enquanto seus vizinhos acordavam para um dia de desesperança e pesar que Nod's Limbs jamais conhecera, Edgar e Ellen pularam da cama. Hoje iam ficar ricos!

Eles desistiram da rotina matinal de procurar Bicho e dar uma escovada ligeira em seus pêlos embaraçados com as próprias escovas de dentes, e, em lugar disso, escorregaram de um andar para outro pelo corrimão das escadas, às gargalhadas, até a porta dos fundos de onde saíram para o jardim. Do barraco de Heimertz vinham sons de música de acordeão e eles deram graças pelo zelador estar ocupado.

Os gêmeos precisavam de alguma coisa para transportar o seu magnífico zôo pela cidade. Edgar foi com a irmã para o meio do jardim, e limparam o mato que escondia um velho carrinho enferrujado. As folhas e hastes secas e escuras que entravam pelas rodas e enredavam os eixos deixavam claro que Heimertz não o usava havia muito tempo, se é que o usara, e foi preciso algum esforço para desvencilhar o carrinho e levá-lo para um lugar limpo.

Edgar e Ellen voltaram ao sótão e apanharam pedaços grandes de papelão e

tinta. Também levaram para baixo um velho teatro de bonecos que tinham roubado, no ano anterior, da sala da sra. Pringle, no jardim-de-infância, enquanto as crianças dormiam a sesta. Fazia tempo que os bonecos de pano tinham sido comidos pelos ratos e traças, e do teatro restava apenas uma enorme caixa de madeira com uma cortina cor de vinho que ocultava o palco.

Do lado de fora, eles puseram o teatro em cima do carrinho. Edgar pegou um pedaço de papelão e pintou um cartaz em que se lia "Bazar de Animais Exóticos", e logo abaixo "Bichos Raros à Venda", e Ellen pregou-o na moldura superior do teatro.

Os dois encontraram os animais exatamente onde os haviam deixado no porão frio, e os levaram, debatendo-se, para o carrinho. Amarrados ao palco do teatro, os bichos menores à frente e os maiores atrás, eram um espetáculo impressionante.

Edgar e Ellen fizeram um letreiro para cada um deles informando sua espécie, habitat, preço e uma descrição de sua origem:

CRACKERMACKER

Montanhas de Dronkle Apenas US\$1.000! Resgatado do Depósito Municipal de Dronkle

FREEPLEWINK

Região desértica de Brifftevo Uma pechincha por US\$2.500! Trocado por um Splunx com um vendedor de bichos exóticos

MONDOPILLAR

Anfíbio, região oceânica de Uwentic US\$5.000!

Barato até pelo dobro do preço!

Capturado em uma caçada em Mondopillar

Ellen até bateu um papo com os animais para animá-los:

— Vocês estão com uma aparência muito melhor do que ontem. Agora são bichos fantásticos que valem milhares de dólares. E embora não estejam se sentindo muito à vontade, no momento, este é o preço da beleza e da fama. Além do mais, nada disso é tão humilhante quanto a suéter que obrigaram vocês a usar no inverno passado ou as vezes que foram obrigados a comparecer a chás festivos.

— Mana, não sei por que se dá a esse trabalho.

— Bom, você sempre foi um pouco lento de raciocínio. Quando os bichos que parecerem mais felizes e ativos venderem por um preço mais alto do que estamos pedindo, você entenderá.

Depois de fecharem a cortina do teatro para esconder os animais, a loja ambulante ficou parecendo uma carroça antiga de mascate de remédios.

— Pronto para fazer fortuna, mano? — perguntou Ellen segurando o carrinho

pela barra da frente.

— Nod's Limbs vai ter uma surpresa, mana — respondeu Edgar tomando posição.

O carrinho avançou — Edgar empurrando-o e Ellen puxando-o e guiando-o — e saiu sacudindo pela ruazinha sem nome para entrar na rua Ricketts.

15. Desaparecidos!

Enquanto levavam o carrinho em direção ao oeste da cidade, Edgar e Ellen iam distribuindo pedaços de papel colorido com adesivo, prendendo-os a todos os postes de telefone e luz. Se os gêmeos tivessem prestado atenção aos avisos manuscritos e manchados de lágrimas, teriam visto:

DESAPARECIDO!

Bain Bean Meu cachorrinho policial Ligar para Ritchie urgente! 555-8328

SOCORRO! *Não estou encontrando Hodgekiss! Vocês viram o meu coelhinho marrom? — Kyle, 555-9896*

PERDIDO!

MEU GATO Atende pelo nome de Blumpers Preto com patas brancas e nariz rosado Favor ligar para Annie, 555-1722

Havia dezenas de cartazes em um arco-íris de cores, cada qual clamando por um bicho de estimação diferente que desaparecera e exibindo um desenho a creiom ou uma fotografia borrada. Edgar e Ellen passaram com o carrinho por inúmeros anúncios, sem lhes dar atenção, inclusive o que avisava:

16. Vendas abertas

Edgar e Ellen estacionaram o carrinho a uns cem metros, no ponto em que a rua Ricketts cortava a avenida Cairo, uma das muitas ruas que a cidadezinha batizara em homenagem a cidades mais imponentes.

A Avenida Cairo corria para o norte e atravessava o centro comercial de Nod's Limbs. As pessoas que iam trabalhar passavam por ali.

— O que você acha deste lugar, mana? — perguntou Edgar.

— Fantástico, mano. Homens de negócios ganham uma *baba*! Mal posso esperar para a gente pôr a mão em baldes dessa baba!

Eles abriram a cortina do teatro, deixando os animais à mostra. O aparato lembrava um pouco uma barraca de vender limonada no verão, exceto que em vez de jarras de limonada fresca, os gêmeos tinham bichos caros e medonhos. Os dois se postaram diante do carrinho, gritando como camelôs em ruas cheias e agitando freneticamente os braços.

— Aproximem-se! — berrava Edgar. — Aproximem-se e constatem as maravilhas do mundo animal!

— Venham ver com seus próprios olhos! — bradava Ellen. — Vejam o que ninguém jamais viu!

Os carros passavam pelo cruzamento, mas nenhum chegava a parar. Depois de assistirem à passagem de veículos demais para o gosto de Ellen,

ela empurrou o irmão na rua para bloquear o tráfego.



Uma fileira de carros parou cantando pneus diante do menino vestido de pijama e fantasmagoricamente pálido. Os motoristas estavam muito mais assustados do que Edgar diante da possibilidade de atropelá-lo, mas depois de verificarem que o menino estava ileso repararam no carrinho parado no acostamento.

Vários homens e mulheres saíram dos carros, todos vestidos de ternos e conjuntos. Aproximaram-se do carrinho e começaram a examinar a mercadoria. Um pequeno poodle preto recoberto de prata reconheceu um membro da família entre os presentes e começou a ganir e a arranhar, mas ninguém lhe deu atenção.

O motorista do primeiro carro, um homem baixo e ligeiramente careca, usando um terno de riscas de giz e óculos escuros, adiantou-se.

— Ei, vocês são os donos dessas coisas bizarras ou apenas os agentes dos donos?

Ao ver que os gêmeos não lhe respondiam imediatamente, ele bateu o pé impaciente.

— Então, o que são? Falem logo, não tenho o dia todo.

— Os donos! — respondeu Ellen depressa. — Cada um desses bichos magníficos faz parte da nossa coleção pessoal!

— Muito bem então! Ótimo — disse o careca. — Excelente! Não é preciso barganhar com um agente quando se pode fazer negócios cara a cara com o dono! Permitam que eu me apresente.

O homem meteu a mão no bolso interno do paletó e, com um movimento suave e experiente, puxou um pequeno cartão branco e entregou-o a Ellen. Edgar espiou por cima do ombro da irmã e os dois leram as palavras em negrito:

SR. MARVIN MATTERHORN

Executivo de vendas executivas

Quando tornaram a erguer os olhos, todos os adultos tinham tirado do bolso um cartão e os ofereciam impacientes aos gêmeos. Edgar e Ellen receberam os cartões, cada um trazendo o nome da pessoa e o título "Executivo" ou "Executivo assistente" ou "Executivo júnior".

— Muito bem, não tenho o dia todo. Estamos fazendo transporte solidário para trabalhar — disse o sr. Matterhorn. — Muito eficiente, o transporte solidário!

Os empresários atrás dele murmuraram:

— Muito eficiente, de fato!

O sr. Matterhorn tirou os óculos escuros e puxou do bolso um lenço com o

monograma MM. Enquanto limpava as lentes, continuou:

— Precisamos de animais, de bichos de estimação para os nossos filhos que pelo visto não param de chorar. Ficamos acordados metade da noite passada vasculhando todos os cantos da cidade, tentando encontrar gatos e cachorros que fugiram ontem à noite. E nós dormimos pouquíssimo. Vocês têm *idéia* como a falta de sono afeta o nosso desempenho no trabalho?

— O nosso desempenho, de fato! — concordaram os outros balançando solenemente a cabeça.

— Bom, como disse, precisamos de bichos, e sem dúvida parece que vocês os têm — observou o sr. Matterhorn. — Embora esses bichos me pareçam bem esquisitos.

— É porque são animais exóticos — disse Ellen. — Não existem outros iguais no mundo!

— Exóticos? Verdade? — respondeu o sr. Matterhorn. — Sei que todo mundo gosta de ter alguma coisa "única no gênero", mas eu prefiro que as coisas sejam o mais semelhantes possível. A boa administração é tudo. Se alguma coisa corre mal, nós a substituímos por uma duplicata e tudo continuará a correr bem! Muito eficiente!

— Muito eficiente, de fato! — confirmaram os colegas, que apalpavam e cutucavam os bichinhos esquisitos.

O sr. Matterhorn concordou com um aceno da cabeça.

— Vamos ao que interessa e fechar negócio? Esses bichinhos estranhos fariam minha filha Mandy esquecer o coelhinho que desapareceu — disse ele, examinando um Boingabonga. — Afinal, coelhinhos não têm focinhos compridos e amarelos nem antenas como isso aí. Quanto está pedindo?

— O que está aí no cartaz — indicou Ellen. — O preço de um Boingabonga é mil e quinhentos dólares.

— Mil e quinhentos dólares! Não está meio puxado? — exclamou o sr. Matterhorn.

— Mil e quinhentos dólares é uma pechincha! Estes são animais exóticos, e na opinião dos especialistas, animais *exóticos* são animais *valiosos* — respondeu Ellen. — Além disso, os bichos saíram da nossa coleção particular — disse ela, tentando angariar simpatias. — Detestamos nos separar dos nossos tesouros, mas temos de nos separar, agora que a nossa pobre família está passando por uma fase tão difícil. O sr. Matterhorn ajeitou os óculos escuros.

— Sinto muito que vocês estejam passando dificuldades. Eu trabalho para evitar esse tipo de problema, mas vendas como esta exigem alguma negociação, mocinha. Você não pode esperar que lhe entreguemos uma soma tão alta por um bichinho! Só precisamos de alguma coisa para fazer os nossos filhos se calarem. Que me diz de...

deixe-me pensar um momento... dez dólares?

— Dez dólares? — repetiu Ellen. — Eu digo que dez dólares é muitíssimo menos do que mil e quinhentos!

— Tudo bem, então. Vinte.

Ellen balançou a cabeça e encarou o sr. Matterhorn.

— Você não aceita ofertas, mocinha, mas precisa aprender a negociar! — disse o executivo, gotas de suor formando-se em sua cabeça calva. — Não vai chegar a *lugar algum* se não aprender a negociar! Cinquenta dólares, e esta é a minha oferta final!

Ellen encarou o grupo, fazendo o possível para parecer mais alta do que era.

— Meu irmão e eu não estamos aqui para negociar, estamos aqui para vender. Temos animais exóticos e valiosos! E se o senhor não quer nos pagar o que valem, então pode ir embora!

O sr. Matterhorn fez uma cara aborrecida.

— Para ser franco, não há a menor hipótese de pagarmos *tanto dinheiro* assim por nenhum desses monstros. Eu não me surpreenderia se você não vendesse nada. E aqui é um local muito estranho para você montar um ponto de vendas, não é? As pessoas que passam estão a caminho do trabalho! E gente que trabalha tanto quanto nós trabalha para ganhar dinheiro e não para gastá-lo. Não esqueça as três regras do varejo. Local! Local! Local!

— Isso não é uma regra só? — perguntou Edgar. — Só que repetida três vezes?

— Por isso é muito importante, rapazinho! Você tem sorte de estarmos aqui! — berrou o sr. Matterhorn.

Ellen fez uma careta.

— O senhor não sabe o que está perdendo. Imagine, dar as costas para estes encantos de animais!

A boca do sr. Marvin Matterhorn assumiu uma linha severa em seu rosto carnudo.

— Ah, vamos levar a melhor neste negócio, sempre levamos. Vou procurar você quando voltar para casa hoje à noite. Tenho certeza que até lá terá baixado os seus preços ridículos!

— Ridículos, de fato! — repetiu o coro.

Em silêncio o sr. Matterhorn manteve a pose por alguns segundos como se quisesse dar a Ellen mais uma chance para mudar de idéia. Depois com um grande muxoxo voltou para o seu carro pisando forte.

Os outros executivos o acompanharam murmurando um muxoxo coletivo ao se afastarem do Bazar de Animais Exóticos e marchando em direção aos seus carros. As portas bateram e os veículos partiram.

Ellen amarrou a cara enquanto os observava desaparecer na rua Ricketts.

Reparou então que Edgar estava parado ali com um sorriso de zombaria.

— De que é que está rindo, seu otário? — indignou-se. — Você não me ajudou a vender nada e agora perdemos todos aqueles fregueses.

— Ah, pare de choramingar! — retrucou Edgar. — Eles eram uns idiotas presunçosos. Não ligam para os próprios filhos, então calculei, por que ligariam para mim? Enquanto você estava negociando com eles, fui escondido até os carros deles e pus pregos e tachas na frente dos pneus! Eles passarão horas na rua! Pense em todos os negócios que perderão!

Ellen deu um puxão em uma de suas trancinhas e disse:

— Negócios, *de fato!*

O sr. Marvin Matterhorn

Nos olha com tanto desdém

Nem liga para a tristeza do filho —

Que pai mais egoísta!

Sabemos o que é ser

Abandonado à própria sorte

Espere até que os garotos consigam ver Os bichos que poderiam ter!

17. Mudança de ponto

Edgar apontou para os carros que passavam. — Todo o mundo por aqui parece estar muito concentrado para chegar aonde está indo.

Ellen concordou.

— Se ninguém vai reparar na gente aqui, vamos continuar a andar.

Continuaram então, Ellen brigando com a barra de metal enferrujado para fazer a curva na estrada Rio.

— Droga, Edgar, por que você não lubrificou esses eixos e juntas quando podíamos?

— Ora, por que *você* não fez isso? — Os gêmeos trocaram caretas medonhas. Como em um torneio, eles por vezes faziam caretas durante horas, mas hoje havia uma missão mais importante a cumprir. Eles voltaram suas atenções para o carrinho

desengonçado. Mais adiante na rua encontraram um lugar junto a um pequeno parque. Enquanto preparavam o mostruário, eles repararam que havia movimento na rua Sydney, a um quarteirão de distância. Dois garotos, alguns anos mais jovens que os gêmeos, estavam saindo de uma galeria de esgoto por baixo da rua. A galeria de boca larga era usada para escoar a água depois dos temporais para que a rua não enchesse, e a área ao seu redor era em geral alagada e suja.

Lama seca e pedacinhos de lixo cobriam os meninos da cabeça aos pés. Parecia que estavam engatinhando pela galeria há algum tempo, e uma grossa camada de limo tornava a cor dos seus cabelos e a estamparia de suas roupas irreconhecíveis. Mas os gêmeos viram claramente seus olhos vermelhos e inchados e as marcas das lágrimas derramadas na sujeira dos seus rostos.

— Mano, não são os garotos Turkle? Burl e Seth? Detesto aqueles chorões.

Edgar apertou os olhos, agora reconhecendo os Turkle por baixo da imundície.

— Ora, e não é que são, mana? Acho que não estão conseguindo encontrar o vira-lata bonitinho deles. Bem feito!

Os gêmeos observaram os meninos revirarem pedras, examinarem cada moita e vasculharem o lixo acumulado por ali. Depois de darem uma última espiada na galeria, os garotos finalmente sacudiram os ombros e andaram um pedaço da rua Sydney antes de desaparecer em outra galeria de esgoto.

Edgar ficou um momento em silêncio, acompanhando com os olhos os meninos se afastarem com inveja. Depois inspirou profundamente e soltou um longo suspiro.

— Ah, *esgotos*. Já faz tempo que não gastamos algum tempo explorando-os, mana.

Ellen deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

— Haverá bastante tempo para renovarmos a nossa amizade com eles mais tarde, mano. Os esgotos não vão fugir, sabe, e temos trabalho para fazer.

Edgar massageou o lado do corpo, suspirou outra vez e se virou para o carrinho.

— Bichos raros para vender! — berrou.



18. A entrega do leite

Quando o sol da manhã começava a surgir no horizonte, uma picape parou diante do Bazar de Animais Exóticos, arrotando fumaça ao frear. Na lateral trazia a pintura descascada de uma vaca sorridente comendo um pedaço de queijo suíço encimada pelos dizeres "Leiteria Nod's Limbs".

Uma mulher alta e corpulenta desceu e examinou o seu veículo enferrujado. Rolos de fumaça saíam pela frente e por trás.

— Ah, droga — exclamou.

Os gêmeos observaram a mulher dirigir-se para o telefone na esquina do parque.

Usava um uniforme branco e limpo com uma gravatinha preta e um boné branco. De cabeça erguida e peito estufado ela parecia estar marchando em uma parada militar de um único soldado.

Ou a pessoa para quem a mulher estava ligando não atendeu ou o telefone estava enguiçado porque ela de repente bateu com o fone. Depois tornou a olhar para o veículo e resmungar alguma coisa que os gêmeos não ouviram.

Ellen limpou a garganta com um ruído alto.

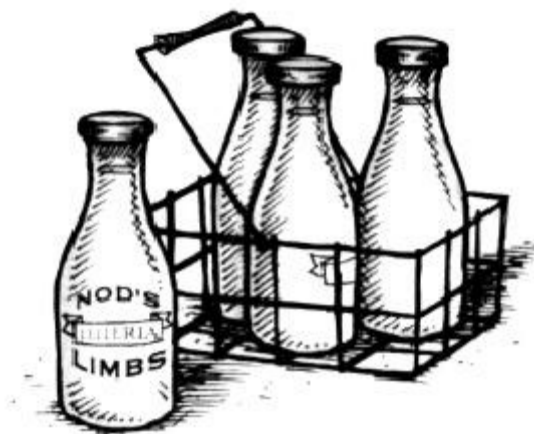
— Hã-hã.

Elsie Miller se virou e pareceu surpresa de ver os gêmeos e o carrinho enfeitado e cheio de bichos.

— Bom-dia, meninos! Que belo dia para vocês estarem brincando ao ar livre! E olhem só se não são as coisinhas mais fofas que já se viu! — ex clamou a mulher aproximando-se do Lollimop particularmente esquisito. O bicho balançou a cabeça verde de bolinhas e cacarejou.

— Mas vocês dois... — disse ela curvando-se para os gêmeos e beliscando suas bochechas cinzentas. — Vocês estão um pouco pálidos. Deviam beber mais leite!

Os gêmeos detestavam ser beliscados um pelo outro, portanto não é preciso dizer que os dois odiavam ser beliscados por outras pessoas. Ellen estava pronta para dar em Elsie Miller um forte beliscão quando Edgar pisou-lhe o pé e cochichou:



— Cuidado! Não espante a freguesa!

A motorista da leiteria examinou atentamente os bichos da cabeça aos pés, chegando até a levantá-los para inspecionar suas barrigas.

— Quem sabe vocês podem me ajudar — disse Elsie enquanto investigava embaixo do rabo de um Canterlamper laranja vivo. — Não consigo encontrar tetas nem mamilos em nenhum desses bichos. Todo o mundo sabe que não se pode produzir leite sem tetas nem mamilos! Lá na leiteria temos muitas vacas, mas descobrimos que cabras também fornecem um bom leite.

"*Cabras!*", continuou ela. "Quem diria? E sou uma conhecedora de leite! Se as pessoas gostam de leite de cabra e de queijo de cabra, quem pode garantir que não

gostarão de outros tipos também? Tenho pensado em abrir um negócio de venda de leite e laticínios de outros animais, talvez fosse lucrativo. E eu poderia comprar minha própria picape."

Elsie, com ar de dúvida, puxou uma protuberância na barriga do Lollimop que se parecia demais com a lâmpada de uma feira de lâmpadas de Natal. O Lollimop ciscou o carrinho e tornou a cacarejar.

— Então... algum desses bichinhos produz leite?

Ellen cocou a cabeça e disse:

— Leite! Claro que sim! Alguns deles produzem leite. Na verdade, os nossos animais mais exóticos produzem o leite mais delicioso. Por isso é que são mais valiosos!

"Está vendo aquele Mildewilder ali? Hummm, hummm! Custa apenas *três mil dólares*. Pense no leite exótico que poderá vender se tiver um Mildewilder! Recuperaria o seu investimento num instante."



— Bem, acho que eu gostaria de provar o leite desse Mildiu-como-se-chama! Eu não seria uma conhecedora de leite se não o provasse, não é mesmo? Mas lamento dizer que a Leiteria Nod's Limbs não pode pagar três mil dólares e, com certeza, eu também não. Se a leiteria tivesse tanto dinheiro eu a faria consertar a minha picape primeiro! Olhe só para esta lata velha.

Elsie olhou para o veículo fumegante e balançou a cabeça.

— Mais algum desses bichos produz leite?

— Bem, talvez o Mildewilder *esteja um pouco* fora do seu alcance — desdenhou Edgar. — Tudo bem, tenho certeza de que podemos vendê-lo a *outro* laticínio que saiba apreciar as possibilidades lucrativas de um Mildewilder.

O menino apontou então para um bichinho de penas rosadas mais além.

— Então que tal um Grobble? O leite não é tão requintado quanto o do Mildewilder, mas o preço é mais acessível. São só dois mil e quinhentos dólares!

A motorista da leiteria tirou o boné e passou os dedos pelos cabelos.

— *Acessível? Está falando sério?* Você tem algum bicho por uns, digamos, cinquenta dólares?

Edgar estremeceu ao perceber que nem a Leiteria Nod's Limbs nem Elsie iriam

enriquecê-los.

— Os nossos bichos mais baratos custam mil dólares e nem um centavo a menos e não temos produtores de leite por menos de dois mil dólares! Por isso, se não vai comprar nada, por favor, tire a sua lata velha de perto do nosso bazar. Esta fumaceira preta está espantando os nossos fregueses e sufocando os nossos animais.

Elsie sacudiu os ombros e se virou para ir embora quando Ellen apareceu com um copo cheio de um líquido leitoso.

— Antes de ir embora, por favor, experimente um pouco do nosso esplêndido leite de Mildewilder, por conta da casa! — disse simpática.

— Puxa — disse Elsie apanhando o copo —, é muita gentileza.

Ela agitou o líquido no copo, cheirou-o e em seguida ergueu-o contra o sol.

— Não me parece muito puro, mas vamos lá! — E bebeu o líquido de um gole. — Hummm — disse saboreando o gosto na língua. — Muito ralo, é pouco denso para um bom copo de leite. Também não tem muito gosto. Acho que é até bom que a nossa leiteria não possa comprar os seus bichos. Eles não produzem um leite muito bom.

Dito isto Elsie Miller tornou a subir na picape enferrujada e partiu, o ruído das explosões do cano de escape foram diminuindo enquanto desaparecia no alto do morro.

— Oba, oba, logo aquela picape não vai ser a única coisa a produzir explosões! — exclamou Ellen às gargalhadas.

— Qual é a graça? — perguntou Edgar. — Acabamos de perder mais um freguês e *continuamos* sem dinheiro! Se não há dinheiro não há planos! Isto não tem graça! E de onde foi que você tirou aquele leite?

— Ah, seu mal-humorado, aquilo não era leite *de verdade*! — disse Ellen quando recuperou o fôlego. — Enquanto você estava atendendo a Madame Leiteria, apanhei umas pastilhas de purgante na sua mochila, aquelas que você tirou do Heimertz, e dissolvi-as em um copo de água. Elas deixaram a água leitosa, mas não demora ela vai correr alucinada para um banheiro! Ah-ah!

Edgar riu e os dois cantarolaram:

Elsie quer leite limpo

Mas dirige um carro sujo

Cospe fumaça — que vulgar —

É melhor mandar consertá-lo!

E lá se foi a nossa venda

Mas ela vai ter de explicar

A dor de barriga que arranhou

Por ter se metido com a gente!

19. Na estrada

Os gêmeos terminaram de cantar e caíram por cima um do outro, dando gargalhadas debochadas. Depois de mais umas risadinhas, Ellen deu uma nova olhada no local.

— Acho que este lugar também não está dando certo, mano.

— Pé na estrada, então. — Edgar começou a empurrar o carrinho rangedor.

Os dois empurraram e puxaram pela rua Rio costeando o campo de golfe, passaram por poste atrás de poste coberto de anúncios de bichos "perdidos" e "desaparecidos". Finalmente, pararam em frente ao estacionamento da escola de ensino médio de Nod's Limbs.

A escola estava fechada para as férias de verão, mas havia alguns carros no estacionamento porque o centro comercial da cidade ficava ali perto.

Ellen parou à frente do carrinho gritando: "Vendo BICHOS exóticos!" Enquanto Edgar procurava acertar as rodas emperradas do carrinho.

De repente, Ellen sentiu alguma coisa puxar sua perna.

A pequena Penny Pickens, tão miúda que mal chegava à cintura de Ellen, olhava-a suplicante, puxando seu pijama listrado com a mãozinha. Ellen reconheceu a menina loura de cinco anos que morava no seu bairro.

— Com licença, você viu Poo Poo? Ellen encarou Penny um momento.

— E o que é Poo Poo?

Penny fez uma cara assustada.

— Você não viu os avisos que o meu irmão fez? Ah é bom que vocês tenham *cuidado!*

Agora os gêmeos apuraram os ouvidos. A frase "Tenham cuidado" em geral captava sua atenção, porque quase sempre significava que alguma coisa desagradável poderia acontecer.

— Que é que você quer dizer, menininha? — perguntou Edgar.

— Poo Poo desapareceu! É a nossa cobra de estimação que fugiu! Cobras grandes podem ser muito perigosas quando ficam soltas. Poo Poo não faria mal ao Peter ou a mim, é uma cobra realmente simpática e amiga, mas algumas pessoas não sabem o que fazer perto de cobras!

Edgar e Ellen sorriram e se cutucaram.

— Uau, se vocês vissem Poo Poo comendo! Escancara uma boca enorme, enorme mesmo e pode engolir coisas maiores do que a própria cabeça! É um *espanto!* E por ser tão grande, as coisas que pode comer são *maiores* ainda!

"Minha cobra não come muitas vezes, mas quando está com fome, a gente tem

que lhe dar comida na mesma hora. Aí tudo fica bem e Poo Poo volta a dormir. Mas se não receber comida..."

Penny suspirou e apontou para duas caçambas, perto da escola, que dois garotos reviravam, atirando papéis e latas para o alto.

— Os bichos de todas as outras crianças desapareceram ontem à noite também! Coitadinhos dos bichos! Todo o mundo diz que estão só perdi dos, mas se Poo Poo os encontrou, talvez até tenha comido todos no jantar.

Edgar e Ellen olharam para Penny absolutamente eletrizados. O menino estalou as juntas com secreta satisfação e Ellen mordeu a língua para não abrir um sorriso largo *demais*.

— Não sei o que fazer! Pusemos anúncios por toda a cidade. Peter e eu procuramos os bombeiros porque eles tiram gatos de cima das árvores. Eles disseram que iam alertar todo mundo para ficarem de olho. Eles *precisam* encontrar Poo Poo.

Enquanto fungava, Penny Pickens finalmente bateu o olho no carrinho enfeitado, onde os bichos continuavam escondidos atrás das cortinas.

— Que é isso *aP*. Que diz o letreiro? Ellen se curvou e disse:

— O nosso letreiro diz: *Cadeia especial para menininhas*. Agora suma daqui antes que eu prenda você!

Com um gritinho, Penny recuou, olhando fixamente primeiro para Ellen, depois para Edgar e, em seguida, fugiu rua abaixo, o seu aviso final: "Cuidado com Poo Poo", pairando no ar quente de verão.

— Que bom que consegui *tirá-la* de cima da gente! — comentou Ellen. — Quem teria medo daquela cobra? Ela só faz dormir e está presa com uma coleira. Garotinha boba.

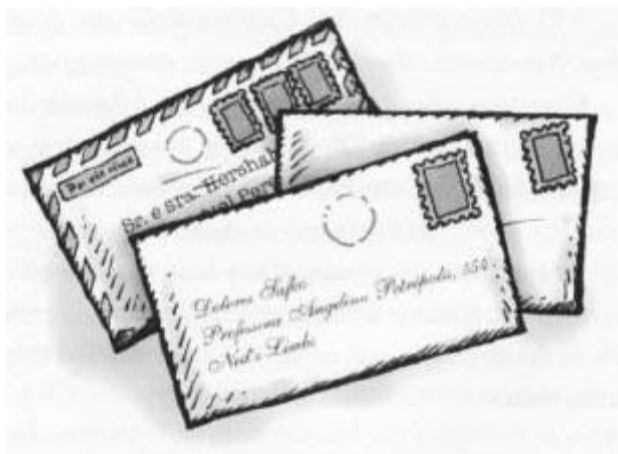
20. Cuidado: frágil

Edgar e Ellen pararam um momento para almoçar, uma refeição simples de bolachas salgadas e pasta de azeitona com passas. Os bichos exóticos observavam os dois com olhares famintos, e quando o Cracker-macker tentou arrebatá-la uma bolacha de Ellen, ela o afugentou. Os gêmeos tinham acabado de comer quando o sr. Crapple, o carteiro, se aproximou.

Quando alcançou o zôo ambulante de Edgar e Ellen, deixou sua sacola escorregar para o chão, pôs as mãos nos quadris e se curvou o máximo que pôde para trás, arqueando as costas até os gêmeos ouvirem um forte *creque!*.

— Agora está um pouco melhor — resmungou o sr. Crapple. — Diabo de costas

doloridas. Tenho de pedir à sra. Crapple para andar em cima delas outra vez hoje à noite.



Ele olhou para o letreiro afixado no carrinho. — Bichos raros, hein?

O sr. Crapple era há anos o carteiro da Zona

13 de Nod's Limbs.

— Ora, espero que não estejam pensando em despachar nenhum desses bichos — rosnou o sr. Crapple. — Vão precisar de uma licença especial para enviar animais vivos pelo correio. E vão ter de levá-los pessoalmente até lá. Não carrego licenças quando saio para entregar correspondência.

— Não queremos despachá-los — disse Edgar. — Só queremos vendê-los. É a nossa coleção de animais exóticos.

— Exóticos, hein? O que vocês, crianças, entendem de exotismo? Todos vocês, seus moleques, que acham que sabem tudo. Duvido que tenham estado fora da preciosa Nod's Limbs na vida! Não que Nod's Limbs tenha algum defeito, me entendam, mas está muito longe de ser exótica!

O carteiro encarou os dois.

— *Vocês* acham que sabem o que é exótico? *Eu* é que sei! Trabalho para os Correios há quase quarenta anos e conheço um pouquinho de tudo. Já reboquei caixas de Bornéu e embrulhos do Paraguai! Entreguei cartas da Letônia e caixotes do Congo! Já carreguei pacotes do Canadá e cartões-postais das ilhas Pago

Pago, segurei-os bem aqui na palma das minhas mãos! Não venham dizer para *mim* que não sei o que é exótico quando estou diante dele!

O sr. Crapple arrastou-se até o carrinho comprido cheio de animais e examinou-os. Apertou os olhos ceticamente ao ler os letreiros com a descrição dos animais.

— É uma boa quantidade de criaturas esquisitas que vocês têm aí, meninos — admitiu o sr. Crapple quando alcançou Edgar e Ellen na outra extremidade do

carrinho. — Muito fora do comum. Mas *exóticos*? *Não sei* não.

"Algum deles veio de terras distantes no exterior? Essa é a verdadeira marca de uma coisa exótica. Se é que veio pelo correio cheio de selos coloridos. Então, veio?"

Antes que Ellen respondesse, o carteiro continuou:



— *Claro* que não vieram pelo correio! Se tivessem vindo eu saberia! Ei, que é que o seu amiguinho esquisito está fazendo ali adiante? — O sr. Crapple apontou para Edgar, que catava pedras na beira da estrada.

— Ah, não ligue para ele — disse Ellen, revirando os olhos. — É meio maluquinho. Então, o senhor estaria interessado em algum dos nossos fantásticos animais?

"O nosso Múltipeeder é considerado um fazedor de milagres na Plutávia. Tem uma quantidade de perninhas e um pezinho na ponta de cada uma."

Ellen ergueu o bicho amarelo e marrom, que era na realidade um roliço gerbo com várias pernas de bonecas coladas ao corpo.

Voltando ao carrinho, Edgar acrescentou:

— Esse bicho raro tem uma história extraordinária. Foi originalmente capturado nas savanas da província de Rimpledop no centro-sul do Frinquay. Nós o compramos de um famoso músico viajante, aliás, um instrumentista, dono da maior gaita do mundo, que tinha problemas de coluna provocados pelo peso da gaita que carregava mundo afora. Imagine como a pessoa se sentiria com esse animal engraçadinho caminhando em suas costas! Tem muito mais pés do que a sra. Crapple!

O sr. Crapple soltou uma risada seca.

— Escute, garoto, minha mulher pode ter pés encalombados e fedorentos, mas essa criatura que você está segurando parece uma aranha gigante e peluda! Nem pensar que eu vá deixar essa coisa feia tocar parte alguma do meu corpo! Ellen amarrou a cara.

— Já perdi muito tempo — continuou o carteiro sem lhe dar atenção. — Eu só precisava esticar as costas antes de continuar o meu caminho. E aqui estou eu

conversando com vocês que nem ao menos recebem correspondência!

— Desculpe-me, mas tenho uma coisa para despachar — gritou Edgar do outro lado do carrinho. Ele apontou para um grande embrulho que estava no chão.

— De onde veio isso? Bem, não importa, mas não demore. Ponha-o na minha sacola ali — disse o sr. Crapple.

Edgar depositou o pacote dentro da sacola onde ele se acomodou com um baque surdo e pesado.

O sr. Crapple levou a sacola ao ombro, seus olhos se esbugalharam e os joelhos cederam sob seu peso.

— Nossa, como foi que essa coisa ficou tão pesada de repente? — resmungou o sr. Crapple cambaleando pela rua.

Edgar puxou uma das trancas de Ellen para chamar sua atenção.

— Vai ser divertido assistir a isso: abri uma das caixas dele e enchi-a com pedras!

Os gêmeos ficaram apreciando o sr. Crapple se curvar para a frente e equilibrar a sacola às costas, deixando as pernas tremerem e sacudirem sob o enorme peso. O carteiro cambaleou para a esquerda e cambaleou para a direita e cambaleou para todos os lados. Aos arrancos, pontuados por fortes estalos de sua coluna, ele lentamente desapareceu de vista. Às risadas, Edgar e Ellen romperam a cantar:

*O carteiro é muito peitudo
E pensa que sabe tudo
Mas agora sua sacola pesou:
Culpa dele que se enganou.
O que lhe falta é um Multipeeder
Para aliviar vértebras doídas
Mas ele recusou nossa oferta
E suas costas vão realmente penar!*

21. Perito em bichos raros

— Não estamos tendo sorte ALGUMA — comentou Ellen. — Não acredito que você tenha escolhido lugares tão ruins para parar o nosso carrinho.

— *Eu escolhi?* Você é que está dirigindo essa geringonça!

Ellen ignorou a resposta do irmão e levantou a barra do carrinho.

— Vamos, Edgar, ainda estamos no início da tarde. Talvez a gente encontre alguns otários, quero dizer, fregueses, *mais* perto do rio.

Então os gêmeos empurraram o carrinho pela bomba de gasolina Greasy Billys, viraram no bulevar Florence e se instalaram perto da biblioteca pública. Dali avistavam uma das sete pontes cobertas da cidade, a que tinha "LEVE" de um lado do telhado e "AMIGO" do outro.

Não tardou muito, um homem de cabelos brancos surgiu caminhando a passos largos pela rua. Enormes óculos redondos estavam empoleirados em seu nariz e seu jaleco de laboratório abanava como as asas de um ganso agitado. Ele olhava para cima e para baixo e à sua volta, sem dúvida procurando alguma coisa. O homem estava tão preocupado em olhar para todos os lados, exceto para onde ia, que quase colidiu com o Bazar de Animais Exóticos.

— Ei! — gritaram Edgar e Ellen. Assustado, o homem parou.

— Puxa vida! Sinto muito — disse. — Algum de vocês viu alguma coisa esquisita hoje? Um movimento estranho de um animal rastejando próximo ao chão? Estou procurando uma píton que fugiu. Os bombeiros ligaram para mim porque sou perito em animais. Bombeiros podem ser muito competentes para tirar gatos de cima de árvores, mas rastrear pítons é mais do que sabem fazer! Mas não tenham medo, eu a encontrarei.

Ele parou ao olhar mais além dos gêmeos, e focalizar o letreiro anunciando "Bichos Raros" e, em seguida, o comprido teatro cheio de animais.

— Puxa vida.

Ele correu para o bicho mais próximo, um Jolly-poddle tingido de verde e laranja e examinou-o rapidamente.

— Puxa vida!

Ele arregalou os olhos para o bicho exótico seguinte, uma coisa grande coberta de penas com dentes pontiagudos chamado Windelstump.

— Puxa vida! — exclamou mais uma vez, seus olhos se arregalando por trás das grossas lentes.

O animado cavalheiro saltitou em volta do carrinho, examinando brevemente cada bicho. E a cada nova descoberta, ele agitava os braços no ar, ou sacudia as pernas em passos de dança, ou pulava em meio a acessos de riso.

— *Puxa vida!*

Edgar e Ellen ficaram mudos, assustados com o entusiasmo óbvio do homem. Ele correu

para os gêmeos, parando tão próximo que eles puderam ler o crachá preso ao seu jaleco branco:

DR. FELIX VON BARLOW *Zoologista Sênior Zôo de Nod's Limbs*

Do lado direito havia uma foto ampliada do dr. von Barlow, de boca aberta e olhos esbugalhados. Ellen conteve uma risada.

Edgar leu:

— Zoologista?

— Não, jovem. Zoologista. Zoologista não existe. As pessoas sempre pronunciam errado o nome da minha profissão. E sou um zoologista *sênior*, responsável por todos os animais do jardim zoológico de Nod's Limbs. Nada acontece no zôo sem eu mandar — explicou o dr. von Barlow. — Digam-me, vocês já estiveram lá? As crianças adoram o zôo.

Edgar e Ellen tinham de fato estado no zôo em várias ocasiões, uma vez para "apanhar emprestadas" algumas piranhas do tanque de peixes e soltá-las na piscina das crianças. O zôo não tinha muito mais que os interessasse. Era basicamente um grande zôo de animais domesticados como vacas, porcos e cabras. Houve um inverno em que teve uma rena trazida especialmente para o Natal. A única vez que os gêmeos tinham realmente se divertido lá foi quando assustaram um grupo de gambás e os bichos espierraram repelente na família Gribble. Isto provocara um contratempo na vida social dos Gribble.

— Não gostamos do seu zôo — disse Ellen. — Não tem atrações interessantes.

A boa disposição do dr. von Barlow se evaporou e ele deixou escapar um profundo suspiro.

— Ah, você tem razão, você tem *razão* — lamentou ele. — Aqui estou eu depois de estudar uma vida inteira e aprender tudo o que há para saber sobre cada espécie de animal, e olhe só para mim! Corro, corro, *corro* para o trabalho todos os dias e gasto o tempo providenciando para que os rabinhos dos porcos fiquem enrolados e as vacas não apanhem resfriados.

"Passei anos na universidade acumulando diplomas que deveriam ter me transformado em um astro internacional da zoologia, com uma vida repleta de viagens excitantes pelo mundo e convites importantes para fazer conferências. Eu é que deveria ter um programa no canal Planète Animale na televisão por satélite, e não aquele cabeça oca do professor Paul.

"Digo aos diretores do zôo: 'Vamos comprar uma foca' ou 'O que acham de um leão?' ou 'As crianças adoram pandas'. Só o que me respondem é: 'Há algum problema com os esquilos?' e 'Os carneiros são ótimos'. Praticamente a única coisa interessante que temos hoje é a nossa colônia de formigas-de-fogo! Na verdade eu

estava no meio de uma análise científica quando os bombeiros me chamaram, então precisei trazer alguns espécimes comigo."

O zoologista tirou um frasco lacrado das do



bras do jaleco e colocou-o na borda do carrinho. Os gêmeos examinaram com atenção os insetos vermelhinhos que se mexiam ali dentro.

Von Barlow fez uma pausa, perdido em seus pensamentos. Edgar perdeu-se também nos próprios pensamentos, fascinado pelas formigas-de-fogo.

— Mana, os donos precisam conferenciar — cochichou puxando Ellen para um lado. — Quero aquelas formigas-de-fogo. Talvez a gente possa fazer negócio com ele!

Ellen torceu a orelha de Edgar:

— Ah, eu te conheço, mano. Sei que teria mil idéias do que fazer com formigas horríveis que mordem, mas na primeira oportunidade você iria largá-las embaixo das minhas cobertas! Ora, eu não vou permitir isso.

Com uma última torcida, Ellen soltou a orelha do irmão e se voltou para von Barlow.

— Talvez a gente tenha exatamente o que o senhor precisa, doutor.

O rosto do homem se iluminou.

— Ah, sim, é bem possível! Simplesmente não posso acreditar em todos os animais fabulosos que vocês têm aqui! Este pode ser o dia mais importante da minha carreira!

Edgar e Ellen sorriram e se chutaram.

— Então, o senhor poderia estar interessado em alguns dos nossos animais

exóticos? — perguntou Ellen.

— Interessado — exclamou o zoologista. — Ora estou completamente *obcecado* por esses bichos fantásticos! *Olhem* só para eles! Já vi todo tipo de animal, mas nunca, repito, *nunca*, deparei com nada parecido! Todas espécies novas! Nunca as vi antes! Como foi que vocês os obtiveram? Ah, não importa como os obtiveram! Eles são incríveis!

— São? — perguntou Edgar.

— Claro que são! Esses bichos me tornarão famoso! A diretoria vai construir um enorme prédio novo no zôo! O Viveiro Von Barlow de Espécies Raras e Exóticas! Zoologistas do mundo inteiro virão vê-los e dirão: Aquele von Barlow, não há ninguém melhor! *Von Barlow é o nosso herói*, já posso ver as manchetes! Serei promovido a diretor executivo do Zoológico, receberei diplomas honorários e títulos...

Ele mal conseguia se conter, rindo, dançando e saltando na frente do carrinho.

— Bem, dr. von Barlow, quais das nossas espécies fantásticas o senhor gostaria de levar? — perguntou Ellen, ansiosa para finalmente fazer sua primeira venda.

— Qual? — retorquiu o zoologista. — Qual! Ora, eu não quero alguns desses animais, eu quero todos!

— O senhor quer... *todos*! — repetiram os gêmeos.

— Até o último! — trovejou von Barlow, apanhando um Fuddleflinger atordoado e lhe dando um grande abraço. Mas quando balançou o Fuddleflinger, a focinheira do bicho se desprende e caiu, e todos congelaram quando o bicho soltou um desanimado "Auau".

— Puxa vida! — comentou o zoologista. — Isto tem o som... exato...

Edgar e Ellen se entreolharam. Todo o seu trabalho e empenho de nada serviria se o dr. von Barlow percebesse que o Fuddleflinger era apenas um filhote de beagle disfarçado.

O zoologista gaguejou:

— Exato... do grito de um... *Troeuilompe*! Isso! Vocês já ouviram um? Sempre tenho dificuldade em pronunciar palavras francesas. Tive a felicidade de receber uma gravação do seu grito selvagem porque sou sócio do Clube do Animal do Mês. Será que o Fuddleflinger seria uma espécie afim?



Ele riu e alegre fez coro aos latidos do animal.

Aliviado, Edgar fez a cara mais feliz que, por coincidência, era também a mais sinistra. As coisas estavam caminhando bem.

Ellen contornou saltitante o carrinho, somando o preço de cada animal exótico.

— Bem, dr. von Barlow, temos muitos bichos raros aqui, e o senhor sabe que *raros* querem dizer *valiosos*. Mas se o senhor estiver disposto a manter a coleção junta... e vamos sentir muita falta dessas coisinhas adoráveis... tenho certeza de que poderemos fazer algumas concessões.

A menina coçou o queixo, puxou as trancinhas e fez muitos "huns" enquanto pensava.

— Tenho certeza que concordará, doutor, que por todos esses animais magníficos, uma soma de vinte e cinco mil dólares é um generoso preço de venda.

O Fuddleflinger ganiu quando o dr. von Barlow largou-o no chão.

— *Venda? Vinte e cinco mil?* Ah, não, minha cara! Não e *não!* Receio que você não esteja entendendo! O Jardim Zoológico de Nod's Limbs é um zôo público. Não se *vendem* animais para nós, *doam-se!*

— *Doam-se?! —* berrou Edgar. — O senhor quer dizer, entregá-los ao senhor sem receber *dinheiro*? *Por* que iríamos querer fazer uma coisa dessas?

— Por quê? — exclamou von Barlow. — Ora, vocês ganhariam uma bela placa na parede do zôo!

— Teríamos os nossos nomes em uma *placa*? — perguntou Ellen. — Deixe-me entender isto direito: nós lhe entregamos os nossos animais de graça, o senhor fica famoso e seu nome aparece nos jornais e dedicam um *prédio* ao senhor, e só o que recebemos é uma mísera *placa*?

— Bem, é! — confirmou o zoologista. — Vocês deviam vê-las. São realmente bem bonitas. Têm uma bela gravação!

O dr. von Barlow apanhou o Fuddleflinger e tornou a prender sua focinheira. Enquanto as feições pálidas de Edgar se avermelhavam de cólera diante da perspectiva de uma nova venda perdida, Ellen tirou um bastão das profundezas da mochila do irmão e ergueu-o no alto.

Os gêmeos se encararam, Ellen girando o bastão freneticamente, os dois saltando de um pé para outro. Ligeiramente fora do campo de audição de von Barlow, cantaram num murmúrio.

Von Barlow acha que entende do riscado

Os dois sabemos que está blefando

Os nossos animais são bastante raros

Para fazer sua reputação

Mas não vamos entregar nada de graça

Se quiser fama que pague para tê-la

E por hoje chega de gente pechinchando

Vamos lhe aplicar um bom desconto!

O zoologista teve sorte, porque quando Ellen preparou o golpe, um carro vermelho berrante dos bombeiros com um grande "7" dourado na porta parou diante do carrinho.

22. Número 7, o carro da sorte

— O que é isso? — gritou um dos bombeiros agarrado na traseira do carro.

— Ah, é uma coleção fantástica de animais raros e exóticos — disse o dr. von Barlow, erguendo a cabeça.

— Uma coleção absolutamente inspiradora...

— Bom, doutor, o senhor encontrou a píton? — perguntou o motorista.

— Ah, sim, a píton — disse o zoologista. — Tinha até me esquecido disso...

Os bombeiros desceram do carro. Um deles empurrou o capacete para trás e falou:

— Também não tivemos muita sorte na nossa caçada. O carro número 7 hoje não está com muita sorte.

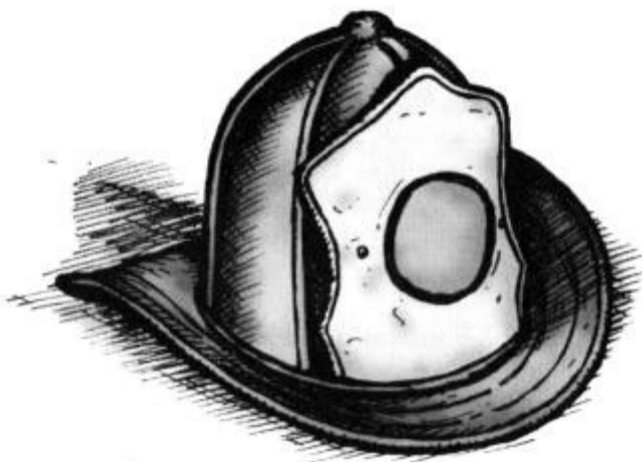
— Que lástima — murmurou von Barlow.

— É, doutor, estamos começando a ficar preocupados. Aquela cobra à solta, sabe, não é nada bom. As coitadinhas das crianças, a gente realmente tem pena, sabe? Os bichinhos delas na barriga de um réptil enorme e rastejante.

Edgar e Ellen ouviram com interesse.

— As coisas poderiam ficar *realmente* complicadas. Já vazou para a imprensa a notícia da fuga da cobra, e o senhor sabe como são os repórteres quando acontece uma coisa dessas! Hoje à noite já estará nas manchetes. Talvez tenhamos de enfrentar um pânico em grande escala!

Os gêmeos cochicharam.



— Você ouviu isso, mano? Pânico! Isto significa que todo o mundo estará correndo e gritando pelas ruas, certo?

— A cidade inteira, mana! A cidade inteira, vai estar um pandemônio! Acho que isso poderia ser um novo recorde para nós, mana!

Nesse momento, Sparkplug, a mascote dálmata do carro 7, pulou para a rua e partiu para cima do carrinho. Edgar e Ellen observaram horrorizados a cadela dos bombeiros focinhar os bichos, cheirando, grunhindo e salivando. Incomodados, os bichos começaram a puxar as guias.

— NÃO! — gritaram os gêmeos avançando para Sparkplug.

Ellen agarrou a coleira da cadela, tentando puxá-la para trás. Edgar se abraçou no corpo do animal e puxou-o para longe do carrinho. Mas Sparkplug era grande e forte e os gêmeos não tiveram muito sucesso. Por sorte, a cadela encheu o nariz de purpurina e isto a fez espirrar alto e descontroladamente.

— *Sparkplug!*

Um bombeiro chamou a cadela que baixou a cabeça e voltou para o carro, soltando mais alguns espirros cintilantes pelo caminho.

Edgar suspirou aliviado, mas no instante em que Ellen embarcava em uma conversa de vendedor para convencer os bombeiros a comprarem um mascote mais exótico, apareceu um comboio de bicicletas que desciam velozes pelo bulevar Florence.

23. O grupo de busca

De repente, a área em torno do Bazar de Animais Exóticos se encheu de gente com a chegada de um grupo de crianças das vizinhanças.

Com os olhos vermelhos e inchados de chorar, umas vinte crianças olharam suplicantes para os bombeiros e o zoologista. Ouvia-se um soluço isolado entre as que estavam mais afastadas.

— Já encontraram? Já encontraram os nossos bichinhos? — perguntou Willa Malloy, cuja enorme bicicleta vinha à frente do bando.

A pequena Annie Krump cobriu o rosto com as mãos e abafou um soluço. Willa lançou-lhe um olhar de solidariedade por cima do ombro.

— Sinto muito, mocinha — disse o bombeiro —, mas não encontramos nem sinal deles. Talvez tenhamos de aceitar o pior.

— *Não!* Não acreditamos que os nossos bichinhos tenham sido devorados! Não *todos*, não poderiam ter sido!

— Vamos, crianças, sei que é duro... — disse o bombeiro.

— E o senhor encontrou a cobra? A barriga dela estava estufada? — perguntou Willa.

— Ah, não, ainda não localizamos a cobra — admitiu von Barlow —, mas não demoraremos a capturá-la!

Willa deixou cair a cabeça sobre o guidão da bicicleta por um instante e em seguida tornou a se endireitar.

— O senhor quer que a gente acredite que todos os nossos bichinhos de repente se levantaram e fugiram ou que uma cobra gigantesca devorou cada um deles? Isto é loucura!

Os bombeiros e o dr. von Barlow desviaram o olhar incapazes de pensar em alguma coisa que pudesse consolar as crianças.

Mas Edgar e Ellen encontraram o que dizer.

— Lamentamos muito o que aconteceu com vocês, mas quem sabe um bichinho novo é justamente o que precisam para parar de pensar nos que perderam — disse Edgar.

— Por acaso temos aqui uns bichinhos bonitos e exóticos para vender — disse Ellen.

Os gêmeos sorriram, fazendo o possível para parecer solidários. Willa desmontou da bicicleta largando-a no chão com estrondo. Respondeu aos dois com aspereza, apontando o dedo acusadora:

— Que faz vocês pensarem que poderíamos querer novos bichinhos? E por que iríamos comprá-los de vocês dois? Lembramos muito bem as maldades que têm feito conosco!

— Ééé! — gritaram algumas crianças.

— Os nossos bichos estão por aí em algum lugar tentando encontrar o caminho de casa, eu sinto isso! Estivemos procurando o dia todo e não é agora que vamos desistir! — Willa apontou para uma menininha coberta de vergões grossos e vermelhos. — Heather procurou por toda a volta da floresta escura e só o que encontrou foram centenas de mosquitos.

"Seth e Burl Turkle passaram a manhã vasculhando galerias de esgotos nojentas..."

Edgar e Ellen reconheceram os dois garotos que tinham visto mais cedo, ainda cobertos de lama e limo dos pés à cabeça.

— ...estão fedendo tanto, que pedimos para ficarem mais atrás no grupo.

"Já Amy, Frannie e Ronnie não encontraram nada na rua atrás da escola — bom, nada além de ratos, mas quem gosta de ratos?"

Ao ouvir mencionarem ratos, Edgar fez um sinal com a cabeça para a irmã. Já tinham se divertido muito com ratos.

— Leanne e Bruno não tiveram sorte nos locais em obras, e Sondra espiou embaixo de todos os carros e caminhões na cidade.

Willa deixou escapar um suspiro de desespero, e as crianças atrás dela fizeram ruídos abafados.

A menina alta se curvou para os gêmeos e sacudiu um dedo no nariz deles.

— Não vamos deixar vocês dois aprontarem nada com a gente.

— Aprontar alguma coisa com vocês? — admirou-se Ellen com meiguice. — Ora essa... nunca! Por que você não dá uma olhadinha no que temos? Ninguém está obrigando você a comprar, é claro... — Ela parou de falar e recuou um pouco para deixar os bichos raros à vista.

Willa resistiu por um instante, mas foi vencida pela curiosidade e se aproximou com relutância do carrinho. As outras crianças estacionaram as bicicletas e a acompanharam.

De focinheiras, os bichos exóticos chiavam e ganiam desesperados, mas seus queridos donos não os reconheceram. Os animais puxavam as guias e saltavam no mesmo lugar, todos exceto o letárgico Mondopillar, que dormia mais atrás.

— Ei, olhem só esse aqui — guinchou Carolyn South, apertando o nariz bulboso de um mal-humorado Guttlebug amarelo. — *Que nojo!*

Calvin Hucklebee levantou a cauda bifurcada e elástica de um Shump e assobiou:

— *Grotesco!*

Willa bateu os nós dos dedos na cabeça dura e reluzente de um Hootlet e o tinido metálico a fez admirar-se em voz alta:

— De que é feito o crânio dessa coisa?

— NÃO toquem nos bichos! Eles precisam de sossego. Alguns estão atordoados com a mudança de fusos horários das viagens que fizeram. — Ellen afastou as crianças que estavam cutucando e fazendo mexer sua valiosa mercadoria.

— Se cada um de vocês levar para casa uma dessas criaturas exóticas e raras — acrescentou ela —, não vão demorar a esquecer os bichos comuns que tinham.

Vocês seriam os donos orgulhosos dos animais mais diferentes do mundo!

— Mas não *queremos* esquecer os nossos bichinhos! — exclamou Annie.

— Eles fazem parte das nossas *famílias*! — lamentou-se Seth.

— E quem quer animais exóticos que dão medo e são feios e esquisitos? — perguntou Willa. — Como é que posso me enroscar na cama com *isso aí*? — continuou ela apontando para um Lompa. — Esses chifres pontudos me espetariam a noite toda. Além do mais, somos crianças! O trabalho de entregar jornais de Sondra, de cortar grama de Burl e Seth e todas as nossas mesadas somadas não poderiam comprar nem um desses bichos, mesmo se os quiséssemos. Os seus preços são *absurdos*.

Edgar e Ellen se entreolharam. Suas mãos se fecharam em punhos.



24. Lenha na fogueira

Um carro cantando pneus fez todos se virarem. Portas bateram e Marvin Matterhorn e seus executivos vieram decididos em direção aos bombeiros.

— Que significa isso? — esbravejou ele, segurando um jornal e metendo o dedo na primeira página.

Era uma edição extra vespertina da' *Gazeta de Nod's Limbs*. A manchete alardeava:



— *Primeiro*, passamos a noite inteira acordados cuidando de nossos filhos lacrimosos! *Depois* gastamos o dia inteiro trocando pneus! E *agora*, vocês estão provocando pânico com essa história de um bicho que pode devorar os nossos filhos? Isto é *inaceitável*!

— Inaceitável, de fato! — ecoaram os outros executivos. Muitos deles tinham as camisas manchadas e os joelhos das calças sujos.

O sr. Matterhorn ia continuar a vociferar insultos sobre a incompetência dos bombeiros quando avistou Edgar e Ellen.

— Ah, são vocês dois — exclamou furioso. — Já baixaram seus preços? Aqueles dez dólares ainda estão queimando o meu bolso! Para os gêmeos isso foi a gota d'água.

25. Edgar e Ellen se irritam

— *Ninguém tem dinheiro!* — gritou Edgar. — Todo o mundo quer que a gente doe esses bichos! — disse Ellen.

— Como é que vamos fazer tudo que queremos fazer? — berraram um para o outro. — É tudo culpa *sua!*

— *Minha culpa?*

— Arre!

Os gêmeos encostaram nariz contra nariz no meio da multidão calada por sua repentina explosão. Os adultos estavam espantados com a ferocidade dos irmãos. As outras crianças não se surpreenderam.

— Não posso acreditar que não fizemos *uma única venda nesse* dia cansativo! Onde está a nossa riqueza? Onde estão os nossos baldes de dinheiro? — perguntou Edgar.

— *Nossa riqueza? Nosso dinheiro? Esqueça-se do nosso! Onde estão os meus?* *Eu* devia ganhar uma recompensa por aceitar os seus planos idiotas! — respondeu Ellen aos berros.

— Ah, sua melequenta egoísta! — desdenhou Edgar, erguendo-se nas pontas dos pés. — É sempre você, você e você! Se a sua conversa de vendas não fosse tão *patética*, *teríamos* ganhado dinheiro suficiente para fazer tudo que quiséssemos agora mesmo!

Ellen se curvou para Edgar ameaçadora.

— *Minha* conversa de vendas! Seu palhaço! Você estraga *tudo!* — retrucou ela, a saliva voando entre os dois.

— Ah *é?* — gritou Edgar pisando com força o pé de Ellen.

— *É!* — berrou Ellen recuando e chutando a canela do irmão.

As crianças rodearam os dois acompanhando a troca de desaforos e gritaram: — É uma BRIGA!

Os gêmeos saltavam num pé só de dor, e começaram a agarrar os cabelos um do outro.

— *Briga! Briga! Briga!* — entoavam as crianças enquanto os adultos esticavam o pescoço para ver melhor.

Ellen girou os braços e estapeou os ouvidos do irmão. Edgar urrou.

— *Briga! Briga! Briga!*

Edgar pinçou o nariz da irmã com as juntas dos dedos, e em seguida deixou-a sem fôlego aplicando-lhe uma joelhada no estômago.

— *Briga! Briga! Briga!*

Ellen avançou em Edgar, Edgar avançou em Ellen, e os dois se atracaram na frente do Bazar de Animais Exóticos derrubando-se no chão e rolando na terra.

— *Briga! Briga! Briga!* — a multidão continuava, incapaz de distinguir os combatentes em seus pijamas listrados e sujos.

O rumor da briga e os gritos da multidão foram crescendo, e por fim Poo Poo despertou do seu sono. Sentiu fome.

26. Cobras sempre serão cobras

Muita gente cria cachorrinhos e gatinhos como bichos de estimação e não é difícil entender o porquê. Cachorrinhos e gatinhos são fofos. Inclnam a cabecinha e olham a pessoa com olhos amorosos, são fiéis e leais e sempre se alegram em vê-la. Gostam de se esfregar na perna da pessoa e se enroscar em seu colo, lambe sua mão e fazer com que ela o acaricie. Mas nem todo o mundo cria cachorrinhos ou gatinhos.

Gente como Peter e Penny Pickens criam pítons birmanesas.

E como sabem seus donos muito bem, uma píton pode chegar a alcançar seis metros de comprimento e acabar grossa como um tronco de árvore. Uma cobra não olha para as pessoas com um olhar amoroso porque tem olhos de cobra e olhos de cobra sempre parecem que estão tramando alguma coisa. E uma cobra não tem pêlos para você acariciar, por isso se ela se enroscar no seu colo ou em alguém é porque provavelmente está com fome e acha que esse alguém é uma boa refeição.

Os gêmeos nunca tinham criado uma píton birmanesa, por isso nada conheciam das tendências naturais de uma cobra gigantesca. Tinham simplesmente roubado a píton dos Pickens como fizeram com todos os outros bichos de estimação da vizinhança e tinham-na disfarçado de Mondopillar mul ticolorido, um animal particularmente exótico com um focinho pontudo, antenas enroladas e penas que desciam por todo o comprimento do seu corpo sem pernas.

Uma vez que todos estavam fixados na briga, ninguém permaneceu junto ao Bazar de Animais Exóticos para ver a faminta Mondopillar se mexer. Logo sua flexibilidade levou-a a se libertar de suas amarras. Lentamente ela começou a costear o carrinho, sentindo com a língua aromas deliciosos.

Os outros bichos continuaram presos no mesmo lugar e, da perspectiva da Mondopillar, todos os cachorrinhos, gatinhos e coelhinhos estavam dispostos como um bufê de preço fixo, onde o freguês come o que quiser. A enorme cobra avançou e os bichinhos inofensivos em seu caminho nada puderam fazer para se salvar.

A cobra alcançou primeiro o Hamble miniatura, o gatinho minúsculo pintado em três tons de roxo com um nariz vermelho reluzente e uma galhada pontiaguda na cabeça. A Mondopillar escancarou as mandíbulas, devorou o Hamble em uma única bocada e seguiu em direção ao hamster roliço coberto de penas que os gêmeos

havam chamado de Druffle.

Então, no momento em que a descomunal máquina de comer ia tragar o segundo petisco, a Mondopillar congelou.

27. Um bicho espalhafatoso

A galhada do Hamble entalara em sua garganta. E da píton que engasgava e sufocava saíram todos os tipos de chiados e tosses assustadores.

Ora, Edgar e Ellen estavam berrando a plenos pulmões durante a briga e a gritaria da multidão era de fato ensurdecedora, mas os ruídos medonhos que a cobra aflita fazia eram ainda mais altos. Todos se viraram para procurar a origem daquela zoeira, esquecendo temporariamente a briga.

Quando olharam, a Mondopillar enrolou o rabo e ergueu o corpo no ar debatendo-se alucinada. Sua cabeça balançou de um lado para outro, recuou e de repente, com um fantástico craque, a cobra desalojou o Hamble preso em sua garganta.

Tufos de pêlos roxos, uma bola vermelha e lascas do que tinham sido chifres saltaram no ar misturados a borrifos de saliva de cobra, seguidos de um gatinho melado com olhos de cores desiguais que parecia felicíssimo de estar fora da píton.

— Chauncey! — gritou Donald Bogginer, reconhecendo seu bichinho. E recolheu o gato e abraçou-o com força.

— Esses animais não são exóticos nem valiosos! São os nossos bichos de estimação!

28. Ninguém gosta de banho

As crianças correram para o carro 7 da sorte dos bombeiros. Agarraram as mangueiras e despejaram água no carrinho e em seu conteúdo, lavando-o de alto a baixo. A água removeu todos os corantes, tintas e enfeites e a multidão irrompeu em um grito exuberante quando foram aparecendo os animais. A garotada ficou feliz em rever seus bichos, mas não tão feliz quanto ficaram os bichos em ver seus donos!

Enquanto algumas crianças correram para o carrinho, outras continuaram no carro dos bombeiros.

Aumentaram a pressão da água e miraram nos causadores de sua infelicidade.

A água bateu em cheio nos gêmeos.

— *Glupe!* — gritou Edgar.

— *Blarpe!* — gargarejou Ellen.

O jato de água derrubou os dois e transformou o chão em que pisavam em um lamaçal.

Uma a uma, as crianças apanharam seus bichinhos no carrinho, rindo e acariciando os animais que lambiam e focinhavam seus donos. E uma a uma, elas passaram por Edgar e Ellen que chafurdavam desamparados no fosso de lama.

— *Isto é pela Freckles!* — disse Stanley Mulligan, beliscando o nariz de Edgar.

— *E isto é pelo Blumpers!* — disse a pequena Annie Krump, puxando a trança de Ellen ao passar chapinhando na água.

— *E isto é pela nossa Poo Poo!* — declarou Peter Pickens, chutando a lama, ao passar puxando a cobra pelo rabo. Penny, que segurava a píton pela cabeça, parou um instante como se pensasse se devia deixar a cobra engolir seus captores. Quando os Pickens se afastaram com o seu bicho de estimação, Poo Poo estirou a língua pegajosa para os gêmeos.

E para tornar o momento ainda mais penoso, o frasco de formigas-de-fogo de von Barlow partiu-se na confusão. Elas correram pela lama e subiram em Edgar e Ellen, aplicando dolorosas picadas nos dois.



— *Ai!* — *gania* Edgar a cada mordida.

— Você e suas formigas-de-fogo idiotas! — gritou Ellen estapeando-se num esforço inútil de combater os insetos. — Está satisfeito agora? *Ui!*

Depois que cada criança recuperou seu bichinho, depois que cada criança passou indignada pelos gêmeos encharcados de lama, alguns puxando pela mão os pais executivos, depois que os bombeiros enrolaram a mangueira e partiram em seu carro 7 da sorte, depois que o cabisbaixo dr. Felix von Barlow saiu perambulando pela rua, Edgar e Ellen ficaram sozinhos com suas formigas na lama fria e malcheirosa.

29. Negócios encerrados

Cheios de machucados, arranhões e picadas, pingando lama imunda e enfeites de Natal destruídos, Edgar e

Ellen se arrastaram para casa e entraram porta adentro sem se dar ao trabalho de limpar os pés. Eles tampouco limparam as mãos, os braços ou as pernas, por isso à medida que atravessavam a casa sombria deixavam rastros de lama e purpurina suja por onde passavam.

— Sem a menor dúvida aprendemos uma lição valiosa hoje, mano — disse Ellen bocejando.

— Tem razão, mana — concordou Edgar. — Da próxima vez que disfarçarmos um bando de animais roubados, evitaremos usar tintas à base de água e cola barata... elas saem no ato!

Exaustos os irmãos subiram vagarosamente os degraus escuros. No meio da escada para o terceiro andar foram assaltados por uma sensação esquisita. Viraram-se e ali, oculto pela sombra do poço da escada, estava Heimertz, imóvel e silencioso, seu sorriso dentuço cintilando no escuro. Os gêmeos apressaram-se escada acima.

Quase no alto, passaram pela sala de televisão onde Bicho estava mais uma vez empoleirado na *bergère*, assistindo com atenção a uma reprise do mesmo programa sobre a natureza que inicialmente dera aos dois a idéia do Bazar de Animais Exóticos. A simples visão do programa provocou caretas em Edgar e Ellen, e os fez desviar o olhar.

— *Irque, animais! Odeio animais, trazem mais problemas do que valem!* — gemeu Ellen. — Se nunca mais virmos outros cachorrinhos, gatinhos, coelhinhos ou hamsters, ainda será cedo demais!

— E não se esqueça de incluir enormes pítons birmanesas — acrescentou Edgar —, ou melhor, *esqueça as enormes pítons birmanesas!*

Eles ainda tiveram forças para uma última canção durante a subida, alegre como um canto funeral:

*Nossos planos, nossos enganos — para nada criamos
Bichos exóticos que ninguém quis comprar.
Perdemos o dia — continuamos sem um
centavo para futuras armações.
Mas toda aquela gente boazinha
Logo se sentirá muito infeliz*

*Quando voltarmos com baús cheios
E esquemas muito mais diabólicos.
Podem esperar, podem esperar, podem esperar, não
tardaremos a voltar
Para causar mais infelicidade e dor.*

Assim dizendo os gêmeos passaram pela sala de televisão, galgaram a escada e o alçapão para chegar à cama, deixando uma trilha de pegadas e marcas de mãos pelo caminho.

30. Fim das transmissões

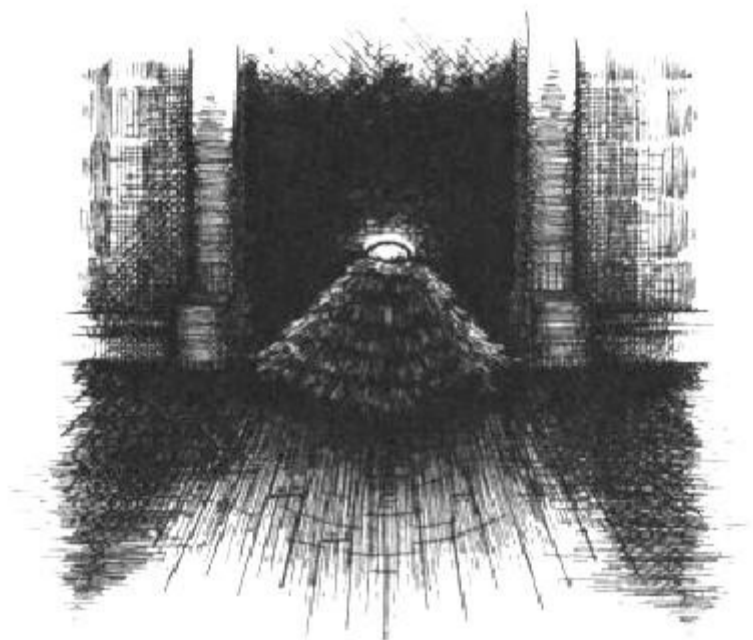
Bicho ficou sozinho na sala de televisão, a luz do televisor projetando sombras profundas na sala escura.

Mais uma vez Edgar e Ellen não tinham se demorado tempo suficiente para ouvir as palavras finais do professor Paul sobre os animais exóticos:

"Este animal estranho e esquivo provavelmente é o mais raro do planeta, e foi avistado poucas vezes a grandes intervalos. Não se sabe ao certo quantos ainda vivem no mato e essa escassez faz com que seja o animal exótico mais valioso do mundo."

Na tela preto-e-branco bem contrastada, a câmera focalizou a página rota de um velho livro de zoologia, mostrando um bicho muito semelhante a uma bola de pêlos escuros, embaraçados e sebosos com um único olho amarelo.

Bicho desceu da cadeira. Seu corpo coberto de pêlos escuros, embaraçados e sebosos, encaminhou-se trôpego para a cama, seu único olho amarelado refulgindo fracamente enquanto ele desaparecia nas sombras.



FIM



Digitalização/Revisão: Yuna

TOCa DIGITaL